REVISTA DA SEMANA
N. 9 26-2-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

CARNAVAL DE 1955

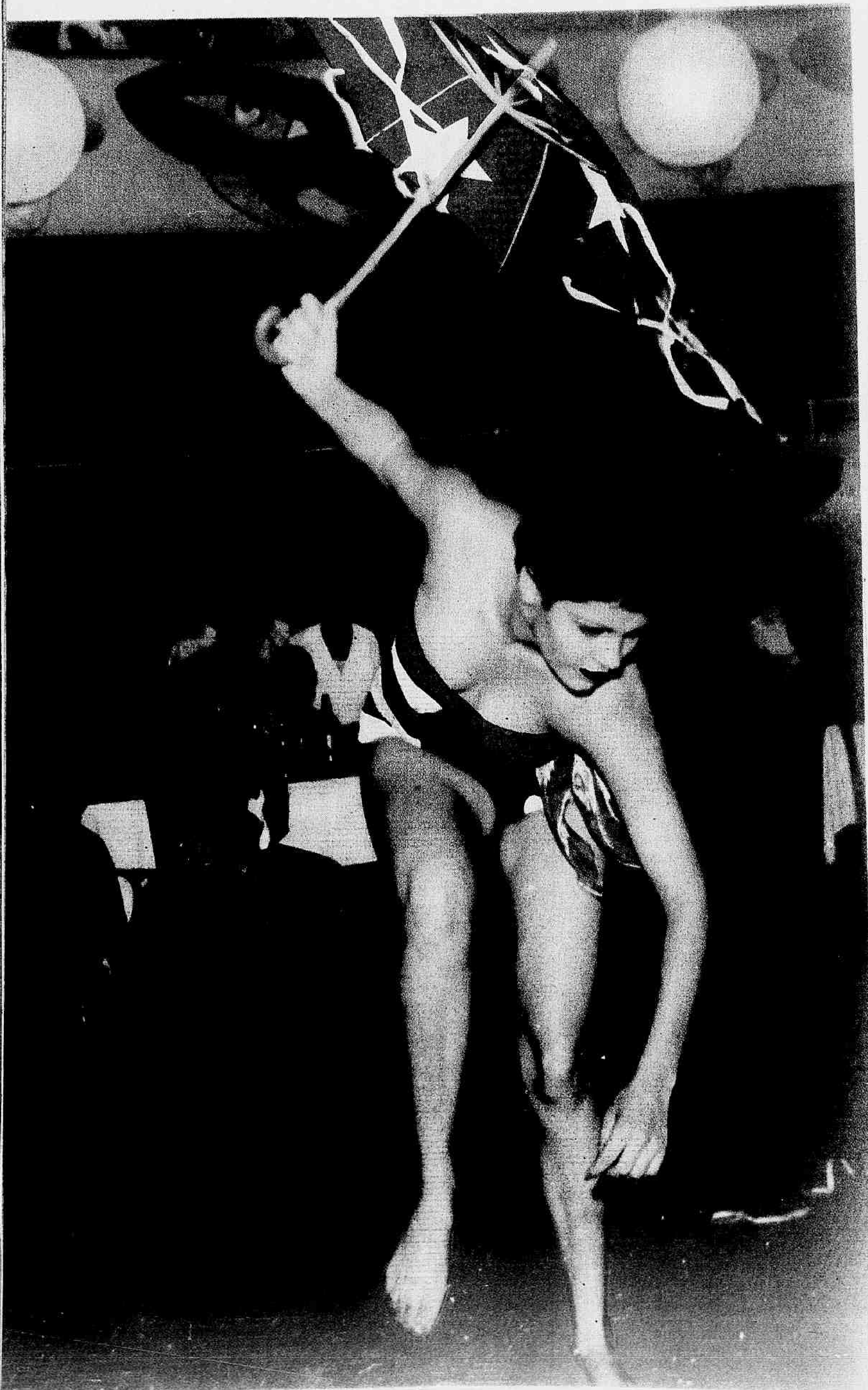
JÂNIO EXCLUSIVO PARA A "REVISTA":

A NOSSA CRISE É DE CARÁTER!

O FREVO invade o Rio

Fotos de ALBERTO FERREIRA





Veio de Recife para ajudar a esquentar as festas de Momo ★ O Ceará não tem disso não, mas Pernambuco tem até para exportar ★ Com cabrochas assim todo mundo sabe fazer o "passo"...

O Ceará não tem disso, não, mas Pernambuco tem em quantidade e exporta para nós. E' pena que o Carnaval seja apenas 3 dias, não acham?



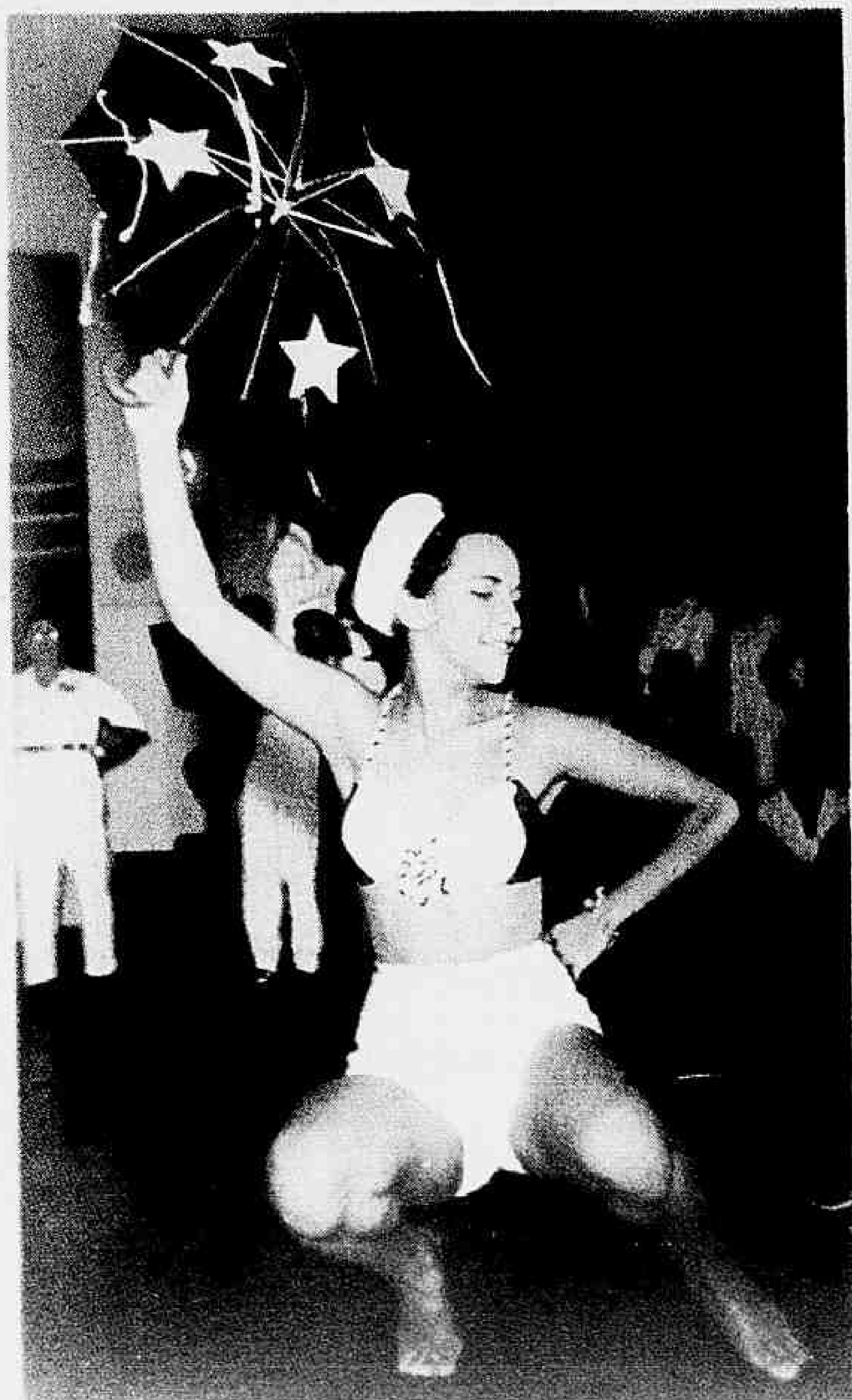
Muito bem, essa menina, mostra prá êsse cabra que você já pulou no Largo do Carmo e que não é só nas ruas do Recife que se faz misérias.

NÃO é apenas pau-de-arara que o Nordeste exporta para o Rio, manda-nos também a música ruidosa do seu frevo, que já se tornou atração de consumo obrigatório do Carnaval carioca. Quem não gosta de tirar o passo nas horas quentes dos folguedos de Momo? Quem resiste à tentação de surrar o corpo, ao ritmo agitado, da música violenta vibrando no metal dos trombones? A gente fica exausto, mas faz fôrça para acompanhar os nordestinos, dobrar as pernas como êles, até ficar flagelado, com o corpo mole, pedindo repouso de rêde...

Antes, o delírio do frevo era apenas nas ruas do Recife, fazendo tremer as pontes do velho Capibaribe, arrastando gente de Olinda, de Afogados e de Casa Amarela, adeptos dos Vassourinhas, ou dos Pás Douradas.

Enchiam as ruas da cidade, encontravam-se para as disputas no Largo do Carmo terminadas em sangue pingando da ponta das peixeiras...

Hoje, o frevo foi exportado para o Rio, vem de avião, vem empolgar os

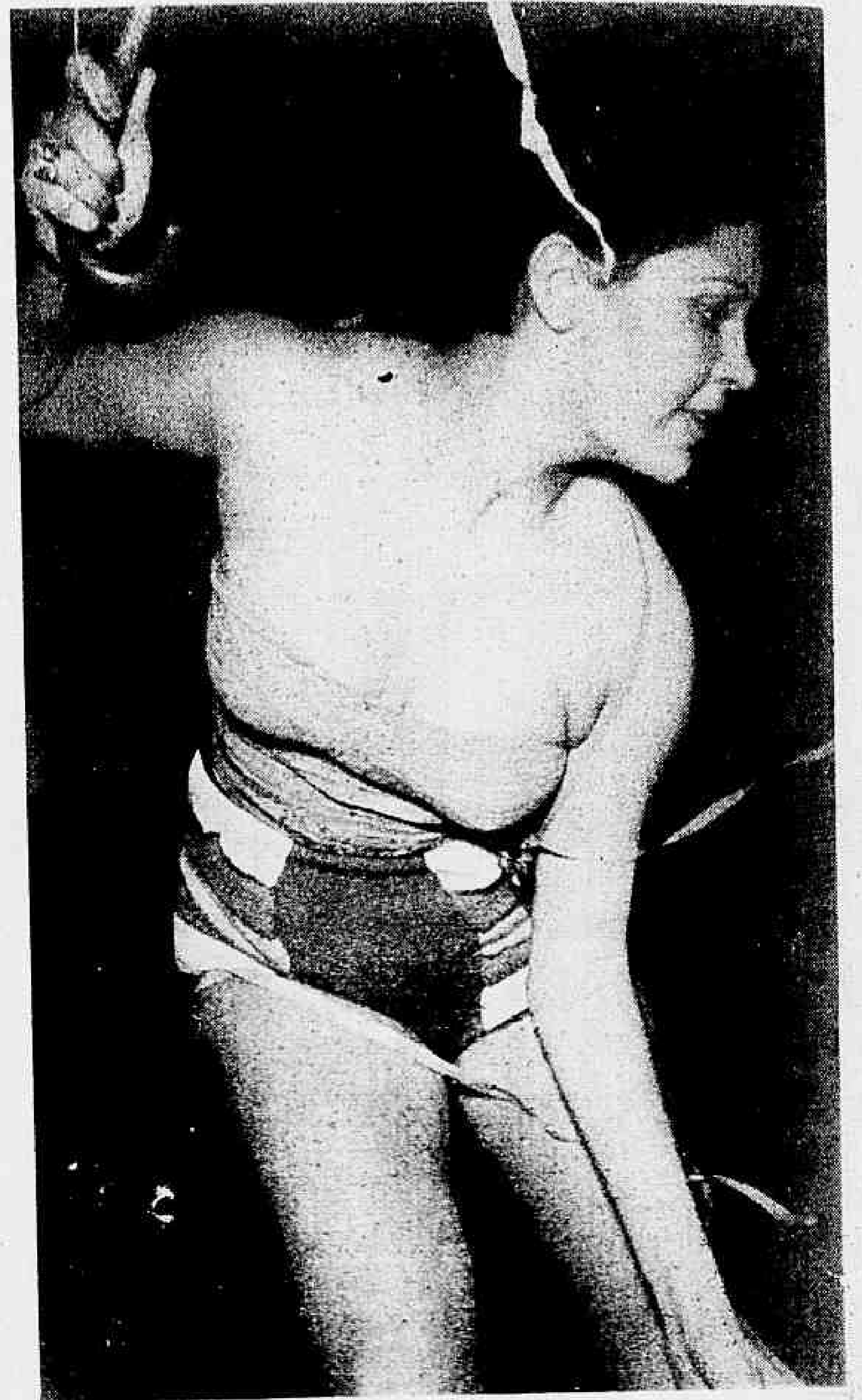






O FREVO invade o Rio



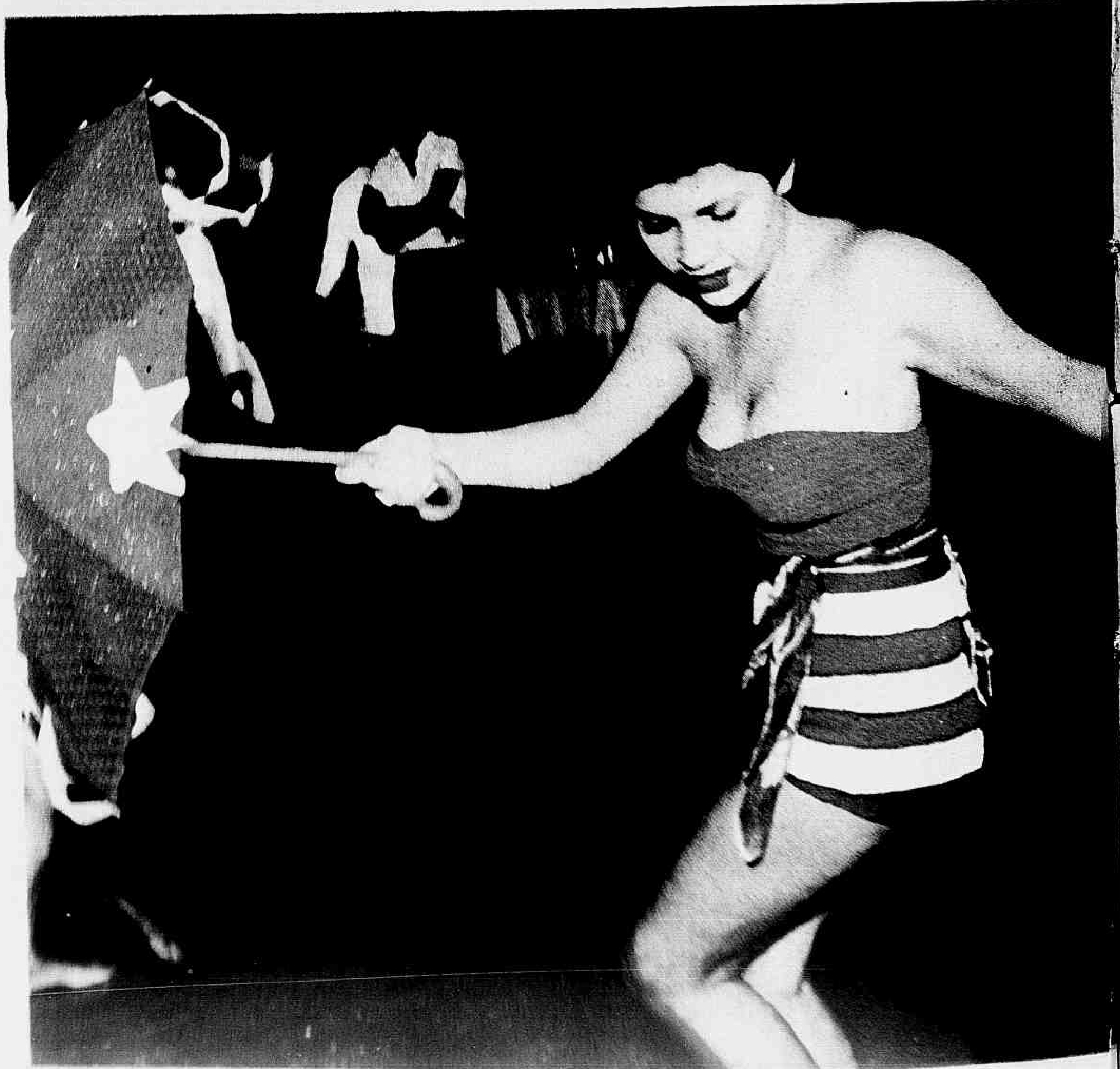


Vôte, essa menina, êsse teu corpo queimado da praia de Boa Viagem é uma glória pernambucana...

Êsse cabra de sombrinha e sem peixeira, nem parecia que estava no Rio, fêz o passo como em sua terra.

cariocas no bamboleio das pernas de cabras mansos e na coreografia alucinante de morenas ainda mais alucinantes. O frevo está ao lado do samba tornando mais quente o asfalto das ruas cariocas, fazendo pular e gingar brasileiros do Norte, do Centro e do Sul, inclusive turistas de tôdas as latitudes.

Nestas páginas estão flagrantes de alguns dos mais famosos passistas pernambucanos animando um dos bailes do Carnaval carioca. Então, não valeu a pena cansar o corpo para fazer o passo com estas morenas que Pernambuco nos mandou? (W. H.)



Cabrocha da peste, fazer o passo tão bem assim é luxo só prá arrelia com a gente que só vê disso no Carnaval...

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 9 — Rio de Janeiro — 26-2-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
ASSISTENTE .... Wilson Barbosa
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Vinicius Lima, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

O frevo invade o Rio 2/4
Baile do Rádio 6/8
Jânio Quadros: «Nossa crise é de caráter» 10/15
Você me conhece? 20/21
Um pouco de Hollywood veio ao Rio 26/29
Carnaval (sem fantasia) em Paquetá 37/39
Baile da Imprensa 42/43
Rei Momo: «Um harém com tôdas as rainhas do Carnaval» 44/45
Baile do Rei Momo 46/47
Baile na Hípica 49/51

● SEÇÕES

Literatura 16
Puxe pelo Cérebro 22
Champanhota 23
Palavras Cruzadas 34
Teatro e Música 36
Black-Beer 48
Último Flash 52
A Figura em Foco 53

● HUMORISMO

O Riso dos Outros 48
Fortuna 54/55

● LITERATURA

Cinzas (Adalgisa Nery) 5
Minha Casa (Marques Gastão) 24/25
Fátima — Revelações dos Três Pastôres 30/31

● CAPA

Carnaval (Foto A. F. Lima)

Êste número consta de 56 páginas



Desenhos de MARIA TEREZA

CINZAS

● Depois de muita alegria, muita liberdade e muita loucura permitida por Momo, lá vem muita canseira de corpo e de alma. A do corpo termina em poucas horas de repouso. Fica a da alma que é mais difícil de ser removida. Os arrependimentos, as tristezas e as conseqüências de um prazer superficial levam a alma a sentir-se interiormente amargurada pelas alegrias falsas, Durante os quatro dias de Carnaval o homem entrega-se à emoção excitante que denuncia os movimentos vivos da sensibilidade e ultrapassa a consciência, envolvendo o total dos sentidos. Durante quatro dias êle se desata das circunstâncias, preceitos, deveres e respeito para carregar em dôbro, no resto do ano, a tristeza de ter sido alegre em tão pouco tempo. Atira-se numa alegria que muito difere do prazer, pois enquanto aquela vibra num presente rápido e limitado, sem conteúdo retrospectivo, êste possui dados no passado e incorpora-se em imagens do futuro.

● Não é quando afundamos na maior alacridade que o espírito se mostra mais satisfeito. Ao contrário: as grandes alegrias são tranqüilas e sérias; só as medíocres e passageiras vêm acompanhadas de riso aberto. E porque o Carnaval é coisa passageira, a alegria que o acompanha deve ser a forma de falar despida de sentido e de importância. Mas o que influi é ser alegre durante o reinado de Momo mesmo sabendo que na quarta-feira teremos o aviso das cinzas como advertência. A tendência para as fragilidades e erros é uma determinação da qualidade humana assim como o perdão e a benevolência é uma condição divina.

● E como as contradições fazem parte dêsse mundo de Deus, é absolutamente certo que só recorrem às igrejas para receber as cinzas, as pessoas que permaneceram em retiros espirituais e distanciadas das ruas enlouquecidas por Momo distribuidor de alegrias transitórias. Os verdadeiros adeptos dêsse reinado de quatro dias, não dão ouvidos às advertências cristãs e se deixam em repouso muitas vêzes com o corpo vestido em coloridas fantasias entregues a Morfeu. Quando despertam relembram que ainda há a Micareme para salvar a monotonia do resto do ano. Tudo está certo. O carnaval com as suas alegrias superficiais e o aviso secular de que somos pó e a pó volveremos.

ADALGISA NERY





MILHARES DE FOLIÕES HOMENAGEARAM VERA LÚCIA, ELEITA NOVA RAINHA DO RÁDIO DE 1955, NO C









5, NO

CONCURSO PROMOVIDO PELA ABR



BAILE DO RÁDIO

MUITO animado, com belas fantasias e lindas folionas, realizou-se no Teatro João Caetano, o já tradicional Baile do Rádio, promovido pela ABR para festejar a coroação da Rainha dos Radialistas, que êste ano é a cantora Vera Lúcia. Compareceram várias figuras de destaque nos meios radiofônicos, destacando-se a presença de Carmem Miranda, como sempre muito animada, distribuindo sorrisos e sambando com ritmo e graça de embaixatriz. A Rainha Vera Lúcia também estêve numa de suas grandes noites, contagiando de entusiasmo os seus súditos do rádio e os seus milhares de admiradores, todos disputando a graça de sambar um pouco com sua rainha. Os flagrantes destas páginas são bem expressivos e documentam o que foi o grandioso Baile. — **(Fotos ALBERTO FERREIRA)**



Baile do Rádio







TUDO ISSO (E MAIS ALGUMA COISA) FOI O BAILE DO RÁDIO REALIZADO NO TEATRO JOÃO CAETANO





Aos domingos
às 11 horas

Audições Colonial

UMA PAUSA MUSICAL NO
SEU DOMINGO

apresentada na

RÁDIO MAYRINK VEIGA

por Carlos Fernandes

sob o
patrocínio
do

Sabonete COLONIAL

Pela segunda vez, Jânio concede a Celestino Silveira, para a REVISTA DA SEMANA, sua palavra exclusiva à Nação — e diz com firmeza:

INSISTO: A NOS

PALÁCIO DO GOVÊRNO DO ESTADO

Por intermédio da "Revista da Semana", saúdo o povo carioca e brasileiro e manifesto, nêste instante conturbado, a minha confiança em que, sob a fé cristã, os homens públicos do Brasil, encontrarão os recursos necessários à prática da verdadeira democracia, honrada, igualitária e justa, que reside nos sonhos da grande, humilde e sofredora família da Pátria.

J. Quadros

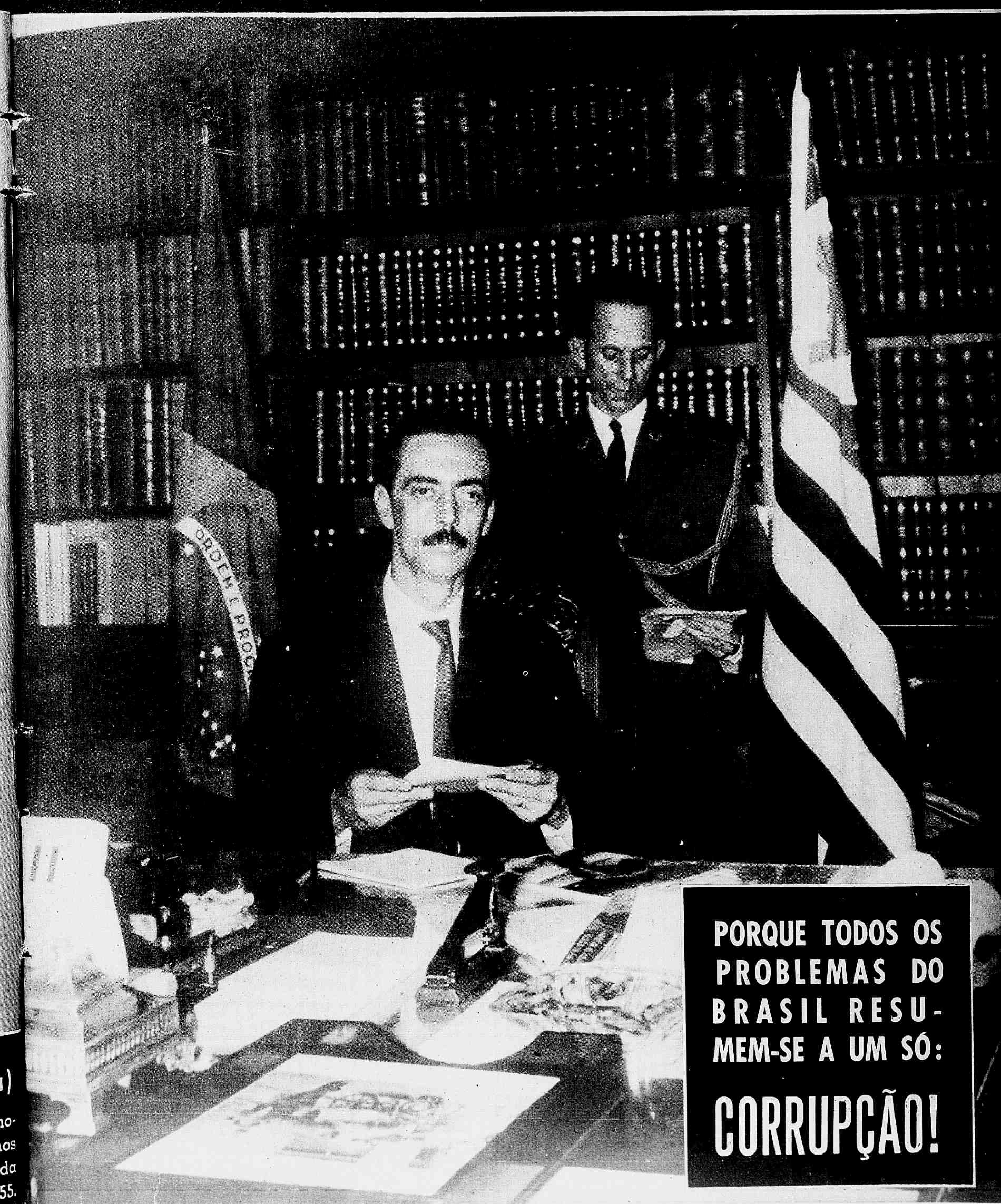
12-2-55

MENSAGEM DE CONFIANÇA AO POVO (Sob a fé cristã)

• Por intermédio da **REVISTA DA SEMANA**, saúdo o povo carioca e brasileiro e manifesto, neste instante conturbado, a minha confiança em que, sob a fé cristã, os homens públicos do Brasil, encontrarão os recursos necessários à prática da verdadeira democracia, honrada, igualitária e justa, que reside nos sonhos da grande, humilde e sofredora família da Pátria.

J. QUADROS — 12-2-55.

SA CRISE É DE CARÁTER!



PORQUE TODOS OS PROBLEMAS DO BRASIL RESUMEM-SE A UM SÓ:

CORRUPÇÃO!

INCAPACIDADE DE RESOLVER OS PROBLEMAS BÁSICOS: BRASIL — PAÍS QUE



— E QUANDO EU VOLTAR, PROCURE-ME. TEREI OCASIÃO DE FORNECER-LHE AS IMPRESSÕES DESTA MINHA VIAGEM.

Foi com essas palavras que Jânio Quadros se despediu do repórter, em Recife, a bordo do «Conte Grande». Isso em outubro do ano passado.

Aqui está portanto a seqüência daquela entrevista que tantos comentários despertou no país, por ter sido a primeira concedida pelo então governador eleito de São Paulo. Salvo eventuais declarações feitas aqui e acolá em circunstâncias imprevistas, até serem redigidas estas linhas o «homem da vassoura» — que já entrou em ação valentemente — não deu ainda outra entrevista de igual importância. Isso não quer dizer que seja, como se propala, um inimigo dos jornalistas: se há homem público que melhores atenções nos dispense, êle é o que hoje ocupa os Campos Elíseos. Não porque tenha concedido por duas vêzes, com absoluta exclusividade, à REVISTA DA SEMANA, uma entrevista de larga repercussão, mas pelo que o vimos fazer em São Paulo imediatamente após assumir o govêrno. Logo na primeira semana, resolveu conceder diàriamente uma entrevista coletiva aos repórteres credenciados em Palácio. E tôdas as manhãs, interrompendo os despachos de rotina ou as conferências políticas com os líderes que o visitavam do Rio, mandava entrar os cronistas, para responder a tôdas as indagações que lhe eram feitas. Assistimos a uma dessas reuniões e o que nos surpreendeu foi a falta de assunto por parte dos repórteres, que se restringiam a perguntar-lhe coisas [illegible]

Cont. na pág. [illegible]

1 — Cumpriu V. Excia. integralmente o programa que se traçou para sua viagem ao estrangeiro?

— Sim.

2 — Quantos países visitou?

— Onze: Portugal — Espanha — Itália — Egito — Grécia — Suíça — Suécia — Alemanha — França — Inglaterra e Estados Unidos.

3 — Qual dêles impressionou mais a V. Excia.?

— Alemanha e Inglaterra; organização, moralidade administrativa, perfeita compreensão dos problemas brasileiros, recuperação econômico-financeira, agressividade comercial. Querem vender, de qualquer forma, ainda que ao custo da transferência de indústrias. Identificam, em nossa terra, um grande mercado, e oferecem-nos excelentes oportunidades.

4 — Das visitas e dos contactos que realizou, em que país êles ofereceram resultados mais práticos em face da sua condição de governador de São Paulo?

— Suécia, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Querem trazer-nos máquinas, ferramentas, usinas, linhas de montagem. A «Farit» e a «Ericsson», suecas. A «Farben» e a «Benz», da Alemanha. A «Leyland», da Inglaterra. A «General Motors», dos Estados Unidos.

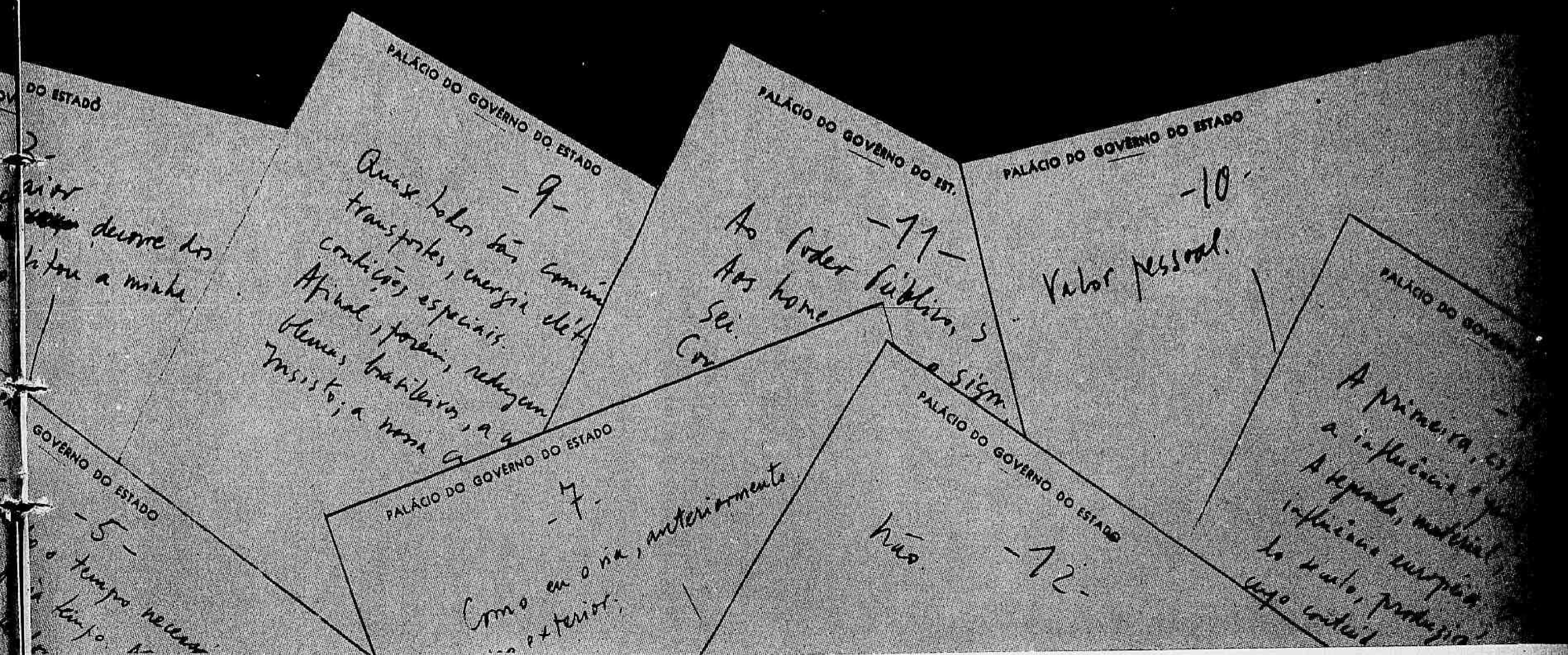
Em alguns casos, esperam HÁ DOIS ANOS licença para colocar, entre nós, instalações fabris. Pode acreditar...

5 — Que impressão ficou em seu espírito, da civilização européia comparada com a norte-americana?

— A primeira, espiritual, materializa-se sob a influência «yankee». A segunda, material, espiritualiza-se sob a influência européia. O casamento, ao fim do século, produzirá um híbrido curioso, cujo conteúdo ainda não se pode adivinhar. Imagino-o benéfico

— O GOVÊRNO DO POVO,

NÃO PODE EXPORTAR CAFÉ NEM TAMPOUCO IMPORTAR PETRÓLEO



ao homem. A meu modo de ver, o Velho Mundo já prestou à América um relevante serviço: impediu o predomínio do «especialista» ou «técnico», apertador de porcas...**

6 — Acredita na recuperação da Europa a ponto de esperar que ela possa vir a prescindir da ajuda financeira dos Estados Unidos?

— Sim, dado o tempo necessário. Não acredito que haja tempo. Não acredito na coexistência dos dois mundos dêste mundo dividido...

7 — No momento em que viajava pela Europa e pelos Estados Unidos, pôde perceber como estava sendo visto o Brasil naquelas regiões?

— Sim. Percebi. Viam-no mal. Isto é, viam-no melhor do que o vemos; assaltado pela inflação, pela corrupção administrativa, pelas mesquinhas competições partidárias, pelo nacionalismo exagerado porque xenófobo, pela crise de crescimento que não resolvíamos, e não resolvemos, à nossa incapacidade de enfrentar os problemas básicos. Viam-no sem poder exportar café, e sem poder importar petróleo...

8 — Quando V. Excia. se encontrava no estrangeiro, como passou a ver o Brasil do ponto de vista de uma supervisão geral?

— Como eu o via, anteriormente, e é visto no exterior.

9 — Quando regressou, tinha V. Excia, a intenção de reassumir o cargo de Prefeito?

— Não.

10) — Por que o fêz?

— Eram tais os ataques que sofri, dos pigmeus da politicalha, que se não reassumisse, pareceria medroso. Faltaria ao dever.

11 — Acha que os problemas político-administrativos de São Paulo são, de modo geral, os mesmos do Brasil, ou (também de modo geral) peculiares a São Paulo?

— Quase todos são comuns. Outros: Café, transportes, energia elétrica, oferecem condições especiais. Afinal, porém, reduzem-se, como os problemas brasileiros, a um só: corrupção; Insisto; a nossa crise é de caráter.

12 — Que critério presidiu a escolha do seu secretariado? Foi o do valor político (eleitoral) de cada nome; representou uma contribuição de cada partido ou o valor pessoal (funcional) do cidadão?

— O valor pessoal.

13 — Acredita que é possível o Poder Público vencer a atual conjuntura administrativa (política, econômica e financeira) dentro e nos termos da atual Constituição?

— Ao Poder Público, sim. Aos homens que o significam, não sei. Com determinados políticos, e administradores a melhor constituição não tem qualquer valia. Nem pode ter. A constituição é uma lei orgânica que vive e pulsa na pessoa dos que a executam ou interpretam.

14 — Acha que a rêde de transportes de São Paulo está em condições de dar conta de um imediato e intenso aumento de produção?

— Não.

15 — Da atuação do sr. Lucas Garcez no govêrno de São Paulo, qual o aspecto que melhor impressionou a V. Excia. ou, por outras palavras, qual o melhor serviço por S. Excia prestado a São Paulo?

— O serviço maior decorre dos seus erros: possibilitou a minha eleição...

COM URNAS LIVRES, AINDA É O PREFERIDO

PALÁCIO DO GOVÊRNO DO ESTADO

Meu amigo:

Aí, vai. Para a "Revista da Semana" haverá, sempre, tempo.

12.2.55

J. Quadros

Sôbre a recuperação da Europa: —

de trabalho,, folheava mecânicamente a cópia mimeografada da Constituição do Estado de São Paulo que tem sempre à mão, e pensava demoradamente, o que é de seu feitio, antes de cada resposta. Êsses silêncios faziam sofrer os repórteres radiofônicos, porque ocasionavam «claros» repetidos na gravação que as emissoras mandariam para o ar logo em seguida. E nem mesmo a aglomeração de microfones, dançando-lhe diante dos lábios, perturbava ao novo governador paulista. Decididamente não se pode dizer de um administrador que tôdas as manhãs abre um parêntesis em suas atividades de Estado para falar à reportagem, que seja um inimigo da imprensa. E foram os jornalistas que, por iniciativa própria, dias mais tarde, acertavam com Jânio Quadros a redução das entrevistas, de seis para três semanais, em dias alternados: segundas, quartas e sextas. Mesmo porque os vespertinos começavam a atrasar a saída, para não perderem a palavra do Chefe do Executivo.

De nossa parte, deixamos que o político mais procurado no momento, descansasse da viagem (se é que pôde fazê-lo) e assumisse o govêrno para, então, dar o primeiro salto a São Paulo. Dizemos primeiro porque foi mister repeti-lo por mais duas vêzes até considerar a missão cumprida. Na primeira, nem quarenta e oito horas depois da posse, quando tudo se encaminhava para o encontro desejado, foi o sr. Etelvino Lins quem pôs tudo a perder com a sua inesperada aparição. Meses atrás, era-nos dado assistir no Recife, também a bordo do «Conte Grande», ao primeiro encontro do então governador pernambucano, com o viajante

(Continua na página 41)

Jânio acredita na sobrevivência do govêrno do povo, com urnas livres

● *Como interpreta V. Exa. as declarações feitas pelo sr. Octávio Mangabeira, considerando das mais graves a situação do país, correndo o regime sério perigo?*

— O regime correrá perigo na exata medida em que nos mostrarmos incapazes de defendê-lo. O Parlamento que desapareceu com o golpe de 37 não foi fechado: fechou-se a si próprio pela perda total da sua autoridade e do respeito do povo. Se os civis que têm a responsabilidade da sobrevivência democrática estiverem à altura dos encargos que lhes pesam sôbre os ombros e dos sacrifícios, inclusive de sangue, que a Nação experimentou para que a democracia pudesse restabelecer-se entre nós, nenhum perigo alcançará a Nação brasileira.

● *Uma pausa mais demorada, e sempre de olhos crivados no tampo envidraçado da sua secretária, batendo com a ponta do lápis no bloco de apontamentos:*

— Pessoalmente, embora identifique riscos, como o faz o sr. Octávio Mangabeira, quero acreditar que o govêrno do povo, das urnas livres, com todos os defeitos inerentes ao seu processo de desenvolvimento, permanecerá em nossa terra. Quero acreditar que com todos êsses defeitos e todos êsses vícios — e cabe a nós eliminá-los — ainda é a forma de govêrno que melhor atende às condições da República, à sua história, às suas tradições, à ascendência libertária da sua gente, e à sua própria estrutura federativa, com as diferentes necessidades e as diferentes condições da sua geografia. Êste é o meu ponto de vista e quero crer que o da grande maioria dos homens atentos à gravidade dêste instante político e econômico.

Sôbre a Constituição: "Com determinados políticos e



O telefone tocou. Jânio atende: — «Meu caro, devo informar-lhe que existem, à frente do seu, outros assuntos importantes a serem resolvidos, que não podem ser protelados».



De fisionomia fechada, Jânio Quadros atende ao expediente na sua mesa de despachos onde são recebidos, agora, os mais destacados figurões da política nacional.

—"Não acredito na coexistência dos dois mundos deste mundo dividido..."

AS 11 PRIMEIRAS VASSOURADAS

(NOS PRIMEIROS 11 DIAS DE GOVÊRNO)

1 — Restringiu o cafèzinho em tôdas as repartições públicas. Isso representa, em todo o Estado, uma economia de aproximadamente trinta milhões de cruzeiros. (Só no Palácio dos Campos Eliseos, o consumo diário era de Cr$ 1.800,00 (mil e oitocentos cruzeiros).

2 — Coibiu o uso da gasolina oficial de todos os Delegados de Polícia no Estado e na capital.

3 — Exonerou todos os extra-numerários admitidos ao Serviço Público, a partir de 31 de janeiro de 1954. (Cinco mil funcionários, no mínimo).

4 — Vetou as verbas de auxílio a entidades de assistência social, através de deputados do Estado.

5 — Restrição absoluta no uso de carros oficiais.

6 — Substituição de placas amarelas (particulares) em carros oficiais, por placas brancas. Só no primeiro dia de revisão, foram substituídas 210 chapas.

7 — Vetou a efetivação dos extra-numerários, com mais de cinco anos de serviço.

8 — Criou o Serviço Especial de Polícia, junto ao Gabinete do Secretário da Fazenda. Objetivo: fiscalização especial às sonegações de impostos.

9 — Exonerou o Presidente do Instituto de Previdência do Estado (Arthur José de M. Bicudo), efetivado ilegalmente.

10 — Decretou a obrigatoriedade de permanência de 33 horas de trabalho dos funcionários nas repartições. Essa determinação estava sendo obedecida desde o primeiro instante, rigorosamente.

11 — Ordenou o imediato regresso dos funcionários públicos, que se encontravam na capital bandeirante, aos seus postos no interior, sob pena de destituição por abandono de cargo.

administradores, a melhor Constituição não tem qualquer valia"



Mas quando o repórter mostra a Jânio as fotografias batidas a bordo do «Conte Grande», em que aparece Dirce Maria, filha do governador, a fisionomia mudou. Jânio sorriu.



Não foi fácil arrancar a segunda entrevista com Jânio e para o êxito da tarefa muito contribuíram os confrades José Silveira, encarregado do Serviço de Imprensa e Ricardo Castelo, auxiliar de gabinete.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

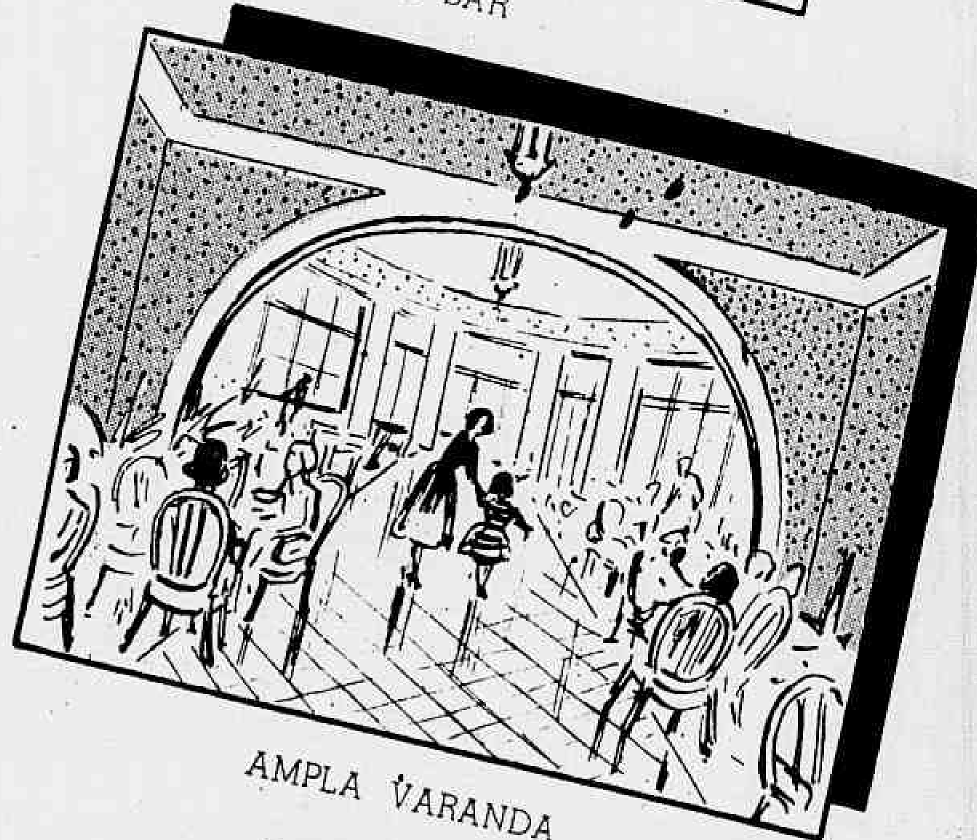
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



EXCELENTE BAR


AMPLA VARANDA


SALÃO DE REFEIÇÕES

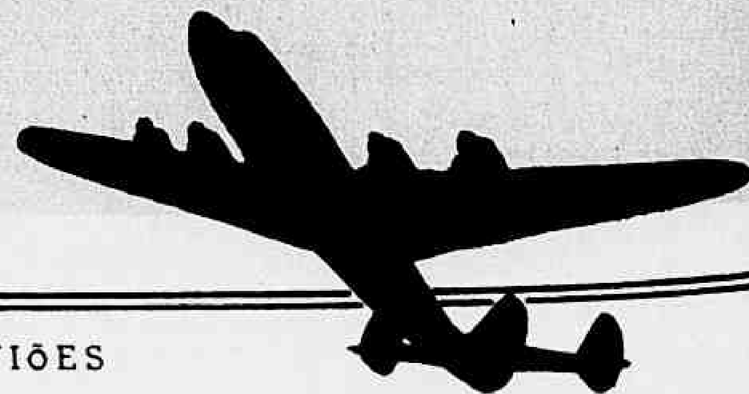




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

CRÔNICA

LITERATURA E POLÍTICA

● O velho problema. Desde que me entendo que ouço baralhar essas duas noções, e em vez das receitas apresentadas apontarem um resultado concreto, o que tenho assistido é uma confusão cada vez maior. Culpa da literatura? Culpa da política? Não, de ninguém e nem de nada em particular, culpa apenas dessa inquetação e dessa tendência à subversão de valores que parece ser um dos sinais mais positivos do tempo em que vivemos. Mas a verdade é que lenta e seguramente a política vem esmagando a literatura, e nem mesmo se pode dizer que exista uma literatura que se salve, um gênero «interessado» que permaneça como um documento ou um atestado da época, como tanto gostam de afirmar os ingênuos. Não, nem mesmo esta se salva da indiferença: tudo é absorvido e tornado anônimo nesse imenso mecanismo que é a vida de hoje, e onde pulsa, mais alto do que tudo, o drama político.

● Seriam talvez desnecessárias essas considerações, não fôsse a constatação que faço, que todos fazem, da grande quantidade de livros publicados no fim do ano passado. Realmente, a literatura reage como pode — e não pode muito, já que afluxo maior ou menor, de nada serve senão para aumentar o acervo das obras atiradas ao esquecimento. Mereceria o escritor o castigo que tão àrduamente lhe pesa sôbre as costas? Não entremos nessas cogitações. Imaginemos apenas, e não é pouco, que entra êle numa época em que determinados valores têm cada vez menos importância. Os grandes nomes que se citam diàriamente, não só os da inteligência ativa e criadora: são os deuses instantâneos, dos artistas de rádio, dos concatenadores de mexericos sociais, dos difamadores e bebedores de uísque em crise de auto-propaganda, dos gênios da pelota. Não diríamos também que é um triste signo dos tempos — diríamos apenas que é um signo, pois já não é triste quando alguma coisa atinge seu estado máximo de apodrecimento e pela sua própria necessidade de vida, começa a reagir. Não há dúvida que atingimos ao estado máximo da degradação como consciência cultural ou interêsse artístico. Mas não nos preocupemos, isto é apenas a aurora de uma nova época. Não foi à-toa que um dos mais eminentes representantes da política do tempo adotou como símbolo a vassoura. — LÚCIO CARDOSO.

O QUE ÊLES DIZEM

João Mohana, autor de interessantes romances, vestindo a roupa do noviciado: "Quero ser um funcionário dos céus, embora nunca um funcionário intoxicado pela burocracia, mas sempre eliminando amor pelos poros da alma".

* * *

Rubem Braga, sôbre o novo livro de Viana Moog: "Bandeirantes e pioneiros" é, na verdade, um livro muito importante e que poderá suscitar os debates mais sérios sôbre nossa formação e nossos rumos".

* * *

Opinião de Alceu Marinho Rêgo, autor do romance "A Véspera de Deus", recentemente publicado: "Acho vazia a literatura, mesmo de ficção, que não reflete a inquietação do homem social, dêsse que, entre o berço e o túmulo, aparece condenado a ser fracção de algo igual e maior do que êle mesmo".



RETRATO Falamos sôbre a homenagem que foi prestada ao livreiro e editor Carlos Ribeiro. Apresentamos agora duas fotografias do almôço, vendo-se na primeira o homenageado e sua senhora, tendo ao lado o poeta Manuel Bandeira, Rodrigo Octavio Filho, Enio Silveira e Athos Pereira. Na segunda, vemos Helena Silveira, Alvarus, Eustáquio Duarte, Dinan Silveira de Queiroz, Jaime da Câmara e outros componentes de nossos meios artísticos e sociais.

NOTICIÁRIO

Primeiro livro a ser publicado após o Carnaval: «Obras Completas» de Alphonsus de Guimaraens, organizada por Alphonsus de Guimarães Filho.

★

Antônio Callado, após «Frankel» trabalha num estudo crítico e biográfico sôbre «Portinari».

★

Octavio Tarquínio de Souza acaba de assistir ao lançamento da segunda edição de sua vitoriosa obra «Dom Pedro I».

Em Belém do Pará acaba de surgir nova revista literária, «Amazônia». Direção de Paulo de Oliveira.

★

Alcides Pinto, que já publicou «Noções de Poesia e Arte», «Pequeno Caderno de Palavras» e «Cantos de Lucifer», acaba de fazer sair um novo livro de versos, «As pontes».

★

Mauritônio Meira, que vem assinando boas reportagens literárias num dos nossos vespertinos, vai estrear em volume com «A primeira estação», contos. As ilustrações são de Darel.

★

Anuncia-se também a publicação de um livro de Juarez Távaro sôbre o palpitante problema do petróleo.

DULCE RODRIGUES



• Dulce Rodrigues, Dulcinha para nós, é a caçula dos Rodrigues. Caçula que escreve e que ama o teatro onde já foi buscar suas primeiras glórias em noites passadas, mas ainda impregnadas de encanto. Não só da sua beleza de menina moça, beleza com mãos que têm gestos líricos de onde escorre talento. Mas encanto e também suavidade, que nos vieram quando ela viveu Sônia na «Valsa nº 6». Com sua voz cheia e linda, os cabelos brilhantes, assim etérea vestida de branco, foi real e perfeita. Seu irmão Nelson encontrou nela adolescente que viveu cada momento por êle sonhado. Por tôdas essas coisas, estivemos falando com Dulce, sôbre o amor, a vida, o teatro e tudo que nos lembramos. E fomos encontrar em cada resposta aquela mesma graça suave de sempre. Resta esperar que Dulce volte e nos mostre Ataíde, como é seu desejo há tanto tempo. Teremos então «Vestido de Noiva» outra vez. E ainda, arte, beleza e alma na voz e nos gestos dela em horas inesquecíveis.

Ping — Qual é o maior sonho de sua vida?

Pong — Construir uma instituição de caridade para a recuperação de tôdas as mulheres que foram abandonadas pela sociedade, ter o meu próprio teatro e realizar o ideal de qualquer mulher, casar com o homem amado.

Ping — A sua recordação mais triste?

Pong — As coisas mais tristes que nos sucedem, podem ser transformadas em um bem, desde que tomemos a humilde atitude de quem está aprendendo uma lição.

Ping — O dia mais belo de sua vida, qual foi?

Pong — Eu tive muitos instantes de pura felicidade. Mas destaco um que ficou para sempre na minha lembrança e que aconteceu a três mil pés de altitude, a bordo de um avião. E mais não digo, porque não quero desembrulhar essa lembrança envolta em papel celofane e guardada no fundo do meu coração.

Ping — Que qualidade quer encontrar no seu marido?

Pong — Firmeza de caráter, delicadeza de sentimentos e uma grande compreensão humana. Não adianta um homem ter a inteligência de Einstein, se não sabe ofertar uma rosa à mulher amada, nem encontrar palavras de ternura para expressar o respeito e o cuidado que ela lhe merece. E que tenha uma coragem férrea.

Ping — E o defeito?

Pong — Se ter ciúmes é defeito, faço questão dessa qualidade negativa. Não em excesso, é lógico.

Ping — O que é que você mais detesta na vida?

Pong — Eu prefiro fazer como o poeta que ignorava o mal e só cantava as belezas do bem. Quanto menos falarmos das más coisas, mais depressa elas passarão de nossas vidas.

Ping — Qual foi a sua maior emoção?

Pong — E' sempre voltar de uma viagem. No momento em que o avião se inclina, já perto do Aeroporto Santos Dumont, como se quisesse alcançar com a ponta da asa as águas da baía de Guanabara, eu me sinto renascer. E' uma emoção sempre sentida, essa de pisar de novo na terra que se ama e encontrar novamente os entes que nos são caros.

Ping — Que sensação lhe deu a sua estréia no teatro?

Pong — De espanto e gratidão. Eu estava pisando num mundo que ainda não me tinha sido revelado, um mundo de sonhos, em que os personagens imaginários se tornam sêres tão vivos, ou talvez mais vivos que as comuns criaturas de carne e osso.

Ping — Pretende se dedicar exclusivamente ao teatro?

Pong — Não. Eu tenho a minha obra social que, se Deus quiser, se tornará realidade dentro de muito pouco tempo.

Ping — Qual o papel que você sonha representar?

Pong — Alaíde de «Vestido de Noiva», do meu irmão Nelson Rodrigues, «Electra» e os Fantasmas» de Eugene O'Neil e «Judith» de Jean Giradoux, muito bem traduzida pela excelente professôra de canto d. Cecilda Rudge.

Ping — Diga a frase de amor mais linda que você conhece?

Pong — «As tuas mãos têm música, meu bem, e sem elas eu não posso viver».

Ping — Acha que poderá ser ótima atriz, uma boa espôsa e uma mulher feliz, ao mesmo tempo?

Pong — Tenho esperanças. Se uma atriz, quando chegar em casa, souber deixar na soleira da porta os problemas ligados à sua vida profissional, é certo que conseguirá manter o seu casamento como qualquer outra mulher.

Ping — Você é romântica?

Pong — Eu me consideraria uma infeliz, se não fôsse. A vida sem poesia é um deserto árido.

Ping — Cite um ator e uma atriz que você admire?

Pong — Henriette Morineau, uma grande trágica e uma grande cômica. Como nenhuma outra, ela sabe fazer uma grande criação de um pequeno papel e de um grande papel, uma criação imortal. Entre os atores citarei Gerard Philipe, que no «Idiota», atingiu o máximo de identidade com a figura idealizada por Dostoiewsky.

Ping — Diga o que é que as mulheres apreciam mais nos homens?

Pong — O cártaz. E' de certo modo compreensível, se levarmos em conta que a admiração leva muito fàcilmente ao amor. Mas infelizmente, muitas de nós confundem cartaz com merecimento e vaidade com puro amor.

Ping — Quando foi que você descobriu que tinha alma de atriz?

Pong — Desde que me entendo por gente.

Ping — E' supersticiosa?

Pong — Sou. Eu acredito em avisos, que muitas vêzes vêm em forma de espelho

ENCANTO, MOCIDADE E TEATRO

"MINHA SENSAÇÃO DE ESTRÉIA FOI DE ESPANTO E GRATIDÃO" — QUERO SER ALAYDE, ELECTRA E JUDITH — "NASCI ATRIZ E PRETENDO MORRER ATRIZ"

Entrevista de MARIA NATÁLIA RODRIGUES

quebrado, cantar de galo fora de hora e sal derramado na mesa.

Ping — De que é que você tem mais mêdo na vida?

Pong — O que eu tenho mais mêdo é ainda de ter mêdo, a qualidade mais negativa da criatura humana. Só faço uma exceção para uma barata voando perto de mim.

Ping — Que me diz do amor?

Pong — Só pelo amor nos realizamos integralmente. E' êle que nos faz descobrir todos os mistérios da alma, as alegrias mais puras, as grandes tristezas. Um homem apaixonado nunca estará só, mesmo em pleno deserto do Saara. E saberá enfrentar a morte com um sorriso, se morre de amor.

Ping — Que tal casar com um aviador?

Pong — Se o amasse, não veria nenhum inconveniente. Tenho grande admiração por êsses homens que arriscam a vida diàriamente e que sabem captar, talvez como nenhum de nós, fugidio momento que passa.

Ping — Qual é o seu maior prazer?

Pong — Ir ao anoitecer ao Arpoador, assistir nas pedras ao sol mergulhando nas águas do mar, suavemente.

Ping — E o menor?

Pong — Esperar às sete horas da noite, em plena Avenida, um ônibus que virá infalìvelmente lotado.

Ping — Qual a coisa mais triste do mundo?

Pong — Amar sem ser amado, menino chorando de fome, uma mulher que caiu ser apedrejada pela turba.

Ping — O que é melhor, ser homem ou ser mulher?

Pong — E' lógico que prefiro mil vêzes ser mulher. Mas que a vida está para os homens não pode existir a menor dúvida. Ao sexo oposto, é lícito cometer as maiores loucuras. A mulher, coitada, é inteiramente desprotegida pela sociedade. Se não se fizer de santa, não faltará quem atire a primeira pedra.

Ping — A falta d'água, de dinheiro e a vida dura tiram a poesia de um casamento?

Pong — Teòricamente, acho que o amor deve resistir à fome, frio, doenças, cansaço e até mesmo à morte. Mas como a realidade nem sempre se harmoniza com a teoria e nós humanos, somos muito falíveis e sujeitos a quedas bruscas, é melhor mesmo que o amor seja protegido com algum dinheiro, bastante água e uma vida mais ou menos amena.

Ping — Você nunca teve vontade de fazer loucuras?

Pong — Quem já não teve? E nem sempre são os atos mais sensatos que nos trazem as maiores alegrias.

Ping — Quantas vêzes uma mulher pode se apaixonar de verdade?

Pong — Uma vez, ou muitas, conforme encontrar logo ou não a sua metade. E verdade se diga, o amor está mais na capacidade pessoal de se amar do que nas qualidades da pessoa amada. Amamos muitas vêzes, não só porque cada amor nos tenha dado a idéia da perfeição, mas simplesmente por estarmos num momento psicológico propício ao bem querer. E se temos uma imaginação fértil, é lógico que atribuiremos à pessoa amada, qualidades inexistentes. Mas como a ilusão vale tanto ou mais que a certeza, ficaremos iludidamente apaixonados tantas vêzes quanto Deus quiser. Além do mais, há muita alma prima que se sabe mascarar de alma irmã, tão bem.

Ping — Se o mundo acabasse amanhã você teria pena de não ter feito o quê?

Pong — De não ter passado três dias numa ilha deserta, com a criatura amada.

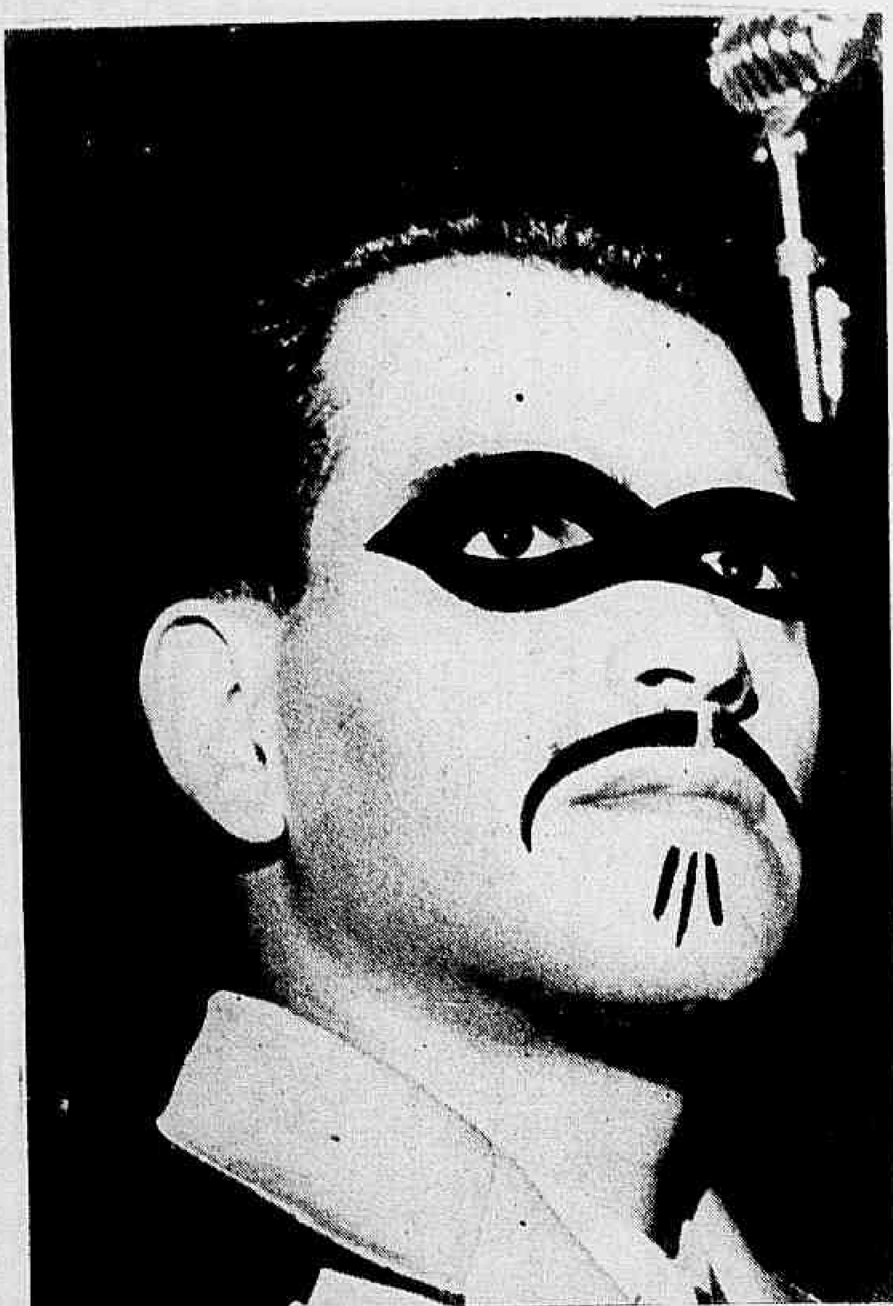
Ping — Qual a figura de teatro que mais a impressionou?

Pong — Sônia de «Valsa nº 6». Essa figura alada de menina e moça, trágica e lírica, que desconhecia a própria morte, me emocionou profundamente. E durante muito tempo, eu vivi em função exclusiva dessa criatura de quinze anos, estudando-lhe as menores reações, procurando me identificar com os seus mínimos sonhos e desenganos. Ainda hoje a quero, como se fôsse uma filha minha.

Ping — Você está contente assim ou queria ser diferente?

Pong — Nasci atriz e pretendo morrer atriz. Mas se não tivesse vocação para o teatro, gostaria de ser aero-moça. Pelo menos durante algum tempo, viveria perto do céu.




«Entre o Amor e o Crime»


«Pega Fogo»


«A Dama de Prêto»

VOCÊ ME CONHECE?

● *Aqui estão figuras conhecidíssimas que resolveram brincar um pouco com vocês. Se muitos não foram mascarados o ano inteiro, todos usaram máscaras no Carnaval para poder fazer a velha pergunta: "Você me conhece?" Não é difícil reconhecê-los, todos êles tiveram ou ainda têm o seu cartaz, todos são gente que você detesta, ou admira, são pessoas bem conhecidas pelos seus feitos bons ou maus, pessoas que andaram ou andam por aí se movimentando no Carnaval da vida...*


«De Futebol Também se Vive»


«Eva Quem Manda»



«O Tesouro Misterioso»



«O Dono da Bola»



«O que é que a baiana tem?»



«Meu Amor Estrangeiro»



«Devagar . . . Não se Vai Longe»

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Sarah Bernhardt era:
— **Atriz?**
— **Escritora?**
— **Cientista?**

2—O poeta Casimiro de Abreu nasceu em:
— **São Paulo?**
— **Estado do Rio?**
— **Rio Grande do Sul?**

3—A fruta denominada abricó é originária da:
— **África?**
— **Ásia?**
— **América?**

4—Zeus representa para os romanos:
— **Rei-sol?**
— **Júpiter?**
— **Vênus?**

5—Batéia significa:
— **Vaso de madeira?**
— **Pequeno barco?**
— **Queda dágua?**

6—«As Confissões de um Comedor de Ópio» é um livro de:
— **Charles Baudelaire?**
— **Edgard Poe?**
— **De Quincey?**

7—Alexandre Graham Bell era de nacionalidade:
— **Escocesa?**
— **Norte-americana?**
— **Inglêsa?**

8—Getúlio Vargas ingressou na Escola Militar com:
— **19 anos?**
— **17 anos?**
— **21 anos?**

9—Jupará significa:
— **Pedra preciosa?**
— **Planta selvagem?**
— **Espécie de macaco?**

10—Camille Desmoulins morreu:
— **Na guilhotina?**
— **Atropelado?**
— **Suicidou-se?**

11—A cidade de Detroit foi fundada pelos:
— **Europeus?**
— **Franceses?**
— **Portuguêses?**

12—O primeiro caso de divórcio registrou-se em:
— **1792?**
—**1754?**
— **1801?**

13—O patrono da cadeira número 9 da Academia Brasileira de letras é:
— **Visconde de Araguaia?**
— **Machado de Assis?**
— **Joaquim Nabuco?**

14—«A Retirada de Laguna» foi escrito por:
— **Viriato Correia?**
— **Visconde Taunay?**
— **Camilo Castelo Branco?**

15—O Duque de Abruzzi nasceu em:
— **Madri?**
— **Roma?**
— **Lisboa?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Atriz; 2 — Estado do Rio; 3 — Ásia; 4 — Júpiter; 5 — vaso de madeira; 6 — De Quincey; 7 — Escocesa; 8 — 17 anos; 9 — Espécie de macaco; 10 — Na guilhotina; 11 — Franceses; 12 — 1792; 13 — Visconde de Araguaia; 14 — Visconde de Taunay; 15 — Madri.

VOCÊ ME CONHECE?



«O Crime não Compensa»



«A Cidade se Diverte»



«Mandar foi minha ruína»

Artistas americanos movimentam o Rio

● *Os artistas norte-americanos, principalmente Elaine Stewart, Claire Trevor, Walter Pidgeon e John Lund, chegaram do Festival de Cinema em Punta Del Este e tomaram o Rio com a simpatia despreocupada. Compareceram a aimoços, jantares, lunches, pequenos e grandes comités, mergulhos em piscinas e subidas de serra, com programa puxado e descida na mesma tarde. Viram a Samambaia, River Side e Quitandinha. Elaine tomando as suas aulas de português com todos que conversava; John Lund, meio calado, preocupado com a doença da esposa e Pidgeon, um verdadeiro "gentleman", falando sôbre qualquer assunto e sempre muito alegre e contente de estar no Brasil. Muito simpáticos, fizeram muitos amigos. — PETER.*



A sra. Ilde Garaváglia recebe sugestão do «maitre» Renato.

★ O CARNAVAL CARIOCA: DUAS GRANDES ATRAÇÕES — Ginger Roger, que compareceu ao «show» do Copa, na quarta-feira e Miriam Stevenson, «Miss Universo», a grande bezela que por duas polegadas de menos, ganhou por cabeça de Marta Rocha.

★ DE ACÔRDO com as novas bases do concurso, as candidatas ao título de «Miss Universo», conforme ficou determinado no «cock-tail» do Glória, devem ter de 18 a 28 anos, ter os dotes físicos essenciais, boa formação moral, falando línguas estrangeiras e podendo, em última análise, assumir a responsabilidade do contrato que é oferecido à campeã pela Universal. Ao lançamento das bases do concurso, compareceram Marta (miss Brasil) Rocha, Ilde (Glamour 54) Garavaglia e Avani (Cinelândia) Maura. Estava enfeitado o «cock-tail», pode-se ver.

★ Silvana Pampanini deu uma grande decepção aos fotógrafos, não tendo usado «maillot» e mostrado suas famosíssimas pernas. A feijoada, oferecida à Pampanini, foi paga e chorada pelos cronistas de cinema que de nada sabiam e foram apanhados de surprêsa.

★ CONTINUA tendo grande saída os livros das sras. Maria Luísa Melo e Maria Helena Nobre, o já conhecido «Nossa Sociedade». Trata-se de um livro utilíssimo.

★ CHEGAM A NOVA YORK o sr. e sra. Aloísio de Sales. No Rio, o Embaixador Faria, de Portugal, que, ao contrário do que se afirmara, fôra ao seu país em viagem de férias.

★ A GRANDE FESTA de Carnaval, em Petrópolis, foi mesmo a da sra. Odete Monteiro, que contou com uma bela casa e recebeu com perfeição.



Num jantar no «Sacha's», a sra. Nicole Hime, srta. Marilu Montenegro e os srs. Fernando Ferreira e Carlos Guinle Filho.

★ SAMAMBAIA teve um grande «week-end», organizado pelo sr. e sra. Fernando Delamare e sr. e sra. Gerardo Góis. Entre mergulhos na piscina e drincando em baixo das bonitas árvores, anotamos as presenças dos casais Carlos Eduardo de Souza Campos, João Saavedra, Jorge Guinle, Franzio Sales, Herculano Tomaz Lopes, Homero Souza e Silva, sr. Harry Stone, Claire Trevor, Walter Pidgeon, José Lewgoy, cronistas Fernando Augusto, Jacinto de Thormes e Alberto Gueiros.

★ HOUVE TAMBÉM o grande almôço de confraternização, organizado pelo sr. Harry Stone, dos artistas e cronistas sociais. Almôço simpático, com figos e Elaine Stewart, explicações de gramática inglêsa, Walter Pidgeon, John Lund e os jornalistas Charles Woodward, do «Brazil Herald», Jacinto de Thormes, Ibrahim Sued, Gilberto Trompowski, José Mauro, Roberto Vasconcelos, João Rezende e Fernando Augusto.

★ JO ANN STORK, a jovem estudante da Universidade de Illinois, que foi conhecer o Príncipe de Mônaco, regressou sem ter determinado ainda se o monarca absoluto de um território de quilômetro e meio seria ou não um bom marido. E' muito elegante e muito cortês, porém não despertou em mim nenhum interêsse sentimental. Continuamos como bons amigos, concluiu Ann.

★ TENDO ACEITO o convite que lhe formulou o atual governador do Amazonas, seguiu para Manaus, o engenheiro-mecânico-eletricista Carlos Eugênio Chavin, a fim de assumir na capital amazonense a função que lhe permitirá colocar a água e a luz que faltam naquela cidade.

★ SOB A PRESIDÊNCIA do ministro Pena Marinho (substituindo o Embaixador Caio de Melo Franco, ausente de Paris), reuniu-se a comissão franco-brasileira encarregada de preparar o programa da exposição de documentos históricos brasileiros e franceses que comprovam a influência que os dois países exerceram, um sôbre o outro. A exposição deverá realizar-se no Palácio de Rohan, na segunda-quinzena de maio.

● *No "cock-tail" oferecido à imprensa especializada, pela Art-Film do Brasil, pudemos assistir, uma vez mais, ao inconveniente de se fazer uma aproximação de artista com fãs, em local de acesso ao grande público. Acontece que os curiosos e ambiciosos resolvem fazer sua hora. Cada qual faz o possível para ganhar o concurso de perguntas cretinas. Cada qual pergunta o que quer. E a moça, no caso a simpática Pampanini, é obrigada a responder com inteligência. Houve um que queria perguntar se ela dormia de pijama ou camisola. Foi o diabo para demovê-lo. Assim, sim, mas assim também não. Para o futuro, que se tome providências.*



A minha casa

Conto de MARQUES GASTÃO

Desenho de DAREL

AINDA hoje não sei (e sabê-lo-ei algum dia?) se são as coisas inanimadas que têm vida própria ou se somos nós, seres animados, que lhe damos vida. E a dúvida espicaça-me. E o desejo de saber leva-me a profundar a vida das coisas tanto quanto das pessoas. Nós podemos descobrir a alma de alguém (bem ou mal) através a expressão dos seus olhos, o volume e modulação da voz em conjugação com os seus atos e as suas palavras; podemos avaliar o amor de uma mulher, como o seu ciúme ou a sua traição, mas... como descobrir a alma daquela velha cadeira, ali, diante dos meus olhos, morta, riscada, de estofo no fio?

Jorge meditava, sentado na pequena e aconchegada saleta da sua velha casa, onde morava há muitos anos. A mulher e os filhos estavam fora e êle, cansado da labuta diária, vestira o roupão e, vendo através das janelas, a chuva que caía, o céu cinzento e triste, deu-me conta, pela primeira vez da realidade dos seus pensamentos quanto à essência das coisas mortas que rodeiam os homens. E pensou que gostaria, naquele instante, da presença da mulher, para discutir aquelas idéias. Margarida tinha uma sensibilidade apurada e dava conta dos seus impulsos e das suas idéias como ninguém. Tirou um cigarro da sua velha cigarreira de couro (antigamente fôra de um castanho vivo e hoje não tinha côr definida, depois de tanto uso!) e, cigarro aceso entre os dentes, como era seu hábito, os olhos fatigados fixaram-se naquele pedaço de couro enquanto a cabeça o levava para o passado. Aquela cigarreira havia sido uma prenda de Margarida, ainda não tinham casado. Chegara-lhe às mãos, embrulhada em papel de sêda branco e dentro, aconchegado aos cigarros, um cartão com meia dúzia de afetuosas palavras de parabéns.

Há quantos anos? Jorge lembrava-se: fazia nesse dia 29 anos! Um ano duro êsse, de dificuldades, sem um vislumbre de esperança no dia de amanhã! Primeiro havia sido a doença, que lhe arruinara o estômago, depois o desemprêgo que lhe atrasara o casamento. Mas depois... Deus apiedara-se dêle e Jorge viera para a frente, ao lado dos velhos pais, já falecidos. E no ano seguinte, casara! Hoje, era feliz, ao lado de Margarida e dos pequenos.

Ergue-se. Lá fora a chuva continuava e no seu coração havia uma sinfonia nova de amor pelas coisas velhas. Os pingos que escorriam pelas vidraças cantavam, quase imperceptìvelmente, a dor do Tempo, como cantavam, em acordes quase vagnerianos, as águas que corriam nas goteiras do velho prédio, esburacado aqui e além. No silêncio da velha casa havia vozes que só êle ouvia, murmúrios de outras épocas, alegrias da sua infância, gritos da sua adolescência, impaciência da sua maioridade. Ali vivera e nessa sua velha casa, que não lhe pertencia, passara as horas boas e as horas más da sua vida. Naquele seu pequeno quarto, hoje um ninho cristão, sofrera as dores de nada ter de confortável: apenas uma velha cama, onde passava frio no inverno e um calor infernal no verão; ali estudara, dolorosamente, por entre os ralhos dos pais; dêle saíra, um dia, vestidinho com um fato velho do pai, que uma vizinha costureira, adaptara ao seu corpo franzino, para a igreja onde fizera a sua comunhão; dêle saíra também para o seu exame de instrução primária; nêle sentira os primeiros assomos do homem que se formava; nêle escrevera as primeiras cartas de namôro e nêle vivera, em suma, os sonhos e as desilusões da sua mocidade... Dêle, dêsse seu velho quarto, apenas restavam as paredes forradas a papel azul e aquela Imagem do Sagrado Coração de Jesus, seu amparo nas doenças, seu perdão nos desvios que sofrera, quando já homem se viu só e abandonado... Mas o tempo tinha a sua fôrça e Jorge deixou a saleta aconchegada e entrou no seu quarto de casado. Pequenino, mas aconchegado. Os olhos fixaram-se naquela Imagem sagrada e o esmaecido do dourado da moldura simples, o azul quase imperceptível atiraram-no para trás; os olhos fixaram-se então nos olhos de Jesus, que pareciam sorrir, ter vida própria e o coração encheu-se de ternura, o cérebro de pensamentos. O papel das paredes desapareceu diante dos seus olhos; desapareceu a cama e os demais móveis; desapareceram os cortinados e o reposteiro e diante dêle, de novo, aquela velha cama de colchões moídos, aquela estante feita de canas e de palha, que lhe servia de mesinha de cabeceira e de arrumação para os seus poucos livros; aquela imagem e aquela janela sem cortinas, por onde entrava o frio no inverno... Tinha, nessa data, 16 anos. Chegara a casa, transtornado, pela notícia do desemprêgo. Cheio de mêdo do pai, que lhe ralhara. E na velha cama desconfortável se deitara e nela permanecia dias e dias, magoado e triste. Mais tarde, de novo empregado, criara medos estranhos àquele quarto e à noite mal podia dormir. Pegava no colchão e colocava-o na «sala de jantar» e aí dorme.

Acendeu outro cigarro. Saiu do quarto confortável e começou a passear pela casa. Queria rever as velhas coisas da sua vida. Mas a sua casa velha era hoje uma casa nova. Mas havia ainda o velho contador da água, a velha «carvoeira», hoje transformada em garrafeira; havia aquêle pequeno armário comprado pelo pai... Aquêle lavatório hoje da criada... As velhas coisas tinham a sua fôrça... Recordava-se dos velhos móveis, mais tarde vendidos ao desbarato... recordava tudo, nessa tarde cinzenta e chuvosa, em que se encontrava só, em casa, à espera do regresso da mulher e dos filhos...

— Temos de nos mudar, Jorge... A casa já é pequena... nem casa de banho tem...

A sugestão da mulher tinha a sua razão de ser, mas Jorge tinha vindo a adiar a mudança. Arranjava desculpas, dificuldades, que Margarida entendia, mas disfarçava...

— Vê lá, Jorge... Eu por mim não me importo...

Era verdade. Margarida e Jorge eram carne de uma só carne. Amavam-se cristãmente e o lar era, por graça de Deus, um verdadeiro lar. Os filhos com os seus risos frescos punham a alegria e a ternura naquela velha casa onde, no passado, apenas vivera uma criança, que não fôra feliz: Jorge. Por isso, a permanência ali, na velha casa da Junqueira, era como que uma espécie de vingança: êle queria que o riso fresco dos pequenos, que a alegria sã da mulher fôssem uma resposta aos tempos antigos, ao tempo em que aquela casa conhecia mais do que dores, miséria, lágrimas e gritos... Por isso lutara... O tempo viera e corroera os madeiramentos; quebrara vidros; manchara as paredes... mas êle substituira as vigas e os vidros, pintara,

de novo, aquelas paredes gastas, substituíra o soalho, embelezara-o com passadeiras... e agora, novas vidas, mais sonhos, mais alegrias, outras esperanças através àqueles risos frescos dos filhos, e estava a recordar o tempo que correra... as recordações a levá-lo para êsses tempos, como se tivesse saudade dêles... Tudo ou quase tudo desaparecera? Não, bem o sentia, agora, nesses momentos de recolhimento. Eram as coisas e a saudade das coisas que tinham vida própria e vinham até êle. Era o mundo que forma a vida dos homens, nas antinomias; era a saudade de um passado que êle julgava morto e estava ali, vivo como a própria vida, a ressudar tristeza... E Jorge «viu», de novo, a rodeá-lo o desconfôrto dessas épocas e a figura do velho pai, de rosto moreno, olhos a fitá-lo, a bôca aberta na sua pergunta habitual: — «Como vai a tua vida, rapaz?» «Viu» a figura curvada da velha mãe, sempre bondosa, mas de feitio rezingão, a dizer-lhe, com o ar mais sério dêste mundo: — «Então tu já namoras, filho?» «Viu» aquela velha mesa de pinho, na cozinha, onde êle jantava com os pais e as gaiolas dos canários, que eram a paixão do pai... E, passos através o corredor, Jorge percorreu a cozinha e os quartos e as salas e quis **ver** o «rosto» do passado, que êle modificara com o seu presente, mas estava ali tão vivo como a vida.



— Mas eu não posso sair desta casa! — disse, alto, para se ouvir. Não posso!

Sentia que não podia. Estava prêso ao perfume que trespassava as paredes e o soalho novo; estava dominado pela música distante das vozes da sua infância guiada pelos pais; estava dominado pelo corolário de recordações que ninguém pode destruir: nem a vida nem os homens, porque são filhas de Deus, porque são necessárias aos homens e a Deus, para que os homens não se tornem egoistas e não se deixem dominar pela riqueza. E embora Jorge não fôsse rico, essa pressão da distância tornava-o melhor, sem dar por isso. Como agora, nos momentos de espera, só com êle próprio, na sua velha casa, sentia a grandeza do amor da mulher e dos filhos.

Lá fora, a chuva cessara. O céu descobriu o seu manto azul e Jorge quistou as primeiras estrêlas. Ouviu, nesse instante, abrir a porta e ouviu as vozes frescas dos filhos e da mulher.

— Que rapazes, êstes! — Era a voz da mulher. Foi ao encontro dela e dos pequenos.

— Vieste cedo, Jorge.

— Ainda bem... Onde é que foram?

— Levei os pequenos ao circo... Se os visses!

Jorge beijou os pequenos, que a criada depois acompanhou ao quarto, para os arranjar para o jantar. Margarida ficou só com o marido, instantes depois. Na saleta onde momentos antes, Jorge sentira o regresso do distante, Margarida mirou o marido, a sorrir.

— Tens uma expressão estranha, Jorge... Alguma novidade?

— Não. Melhor, apenas isto: estive a lembrar-me do que se foi... os sonhos e os desesperos...

— Outra vez?

— Não, outra vez, mas uma só vez, como agora. A minha velha casa, Margarida...

— Resolveste?

— Não, não resolvi. Não posso...

— Ah! Compreendo... Não podes...

— Posso e não posso... E' preciso esperar... Se a velha casa fôr destruída não terei o sofrimento a meu lado... Agora, não. Estou prêso a estas paredes, às vozes distantes de meus pais e até à minha própria voz de criança que sofreu... Quero morrer na minha velha casa... As coisas têm vida própria, Margarida...

— Não, Jorge. Tu é que dás vida às coisas que te rodeiam... Mas fazes bem... E' um dom de Deus a saudade e a capacidade de recordar... A tua velha casa já é a minha velha casa... Oxalá que os pequenos saibam também amar as coisas que os rodeiam...

— Sabê-lo-ão? Talvez, quando um dia, forem infelizes, o amor das coisas do passado (mesmo as coisas más) lhes dê coragem para caminhar com os olhos postos em Deus...

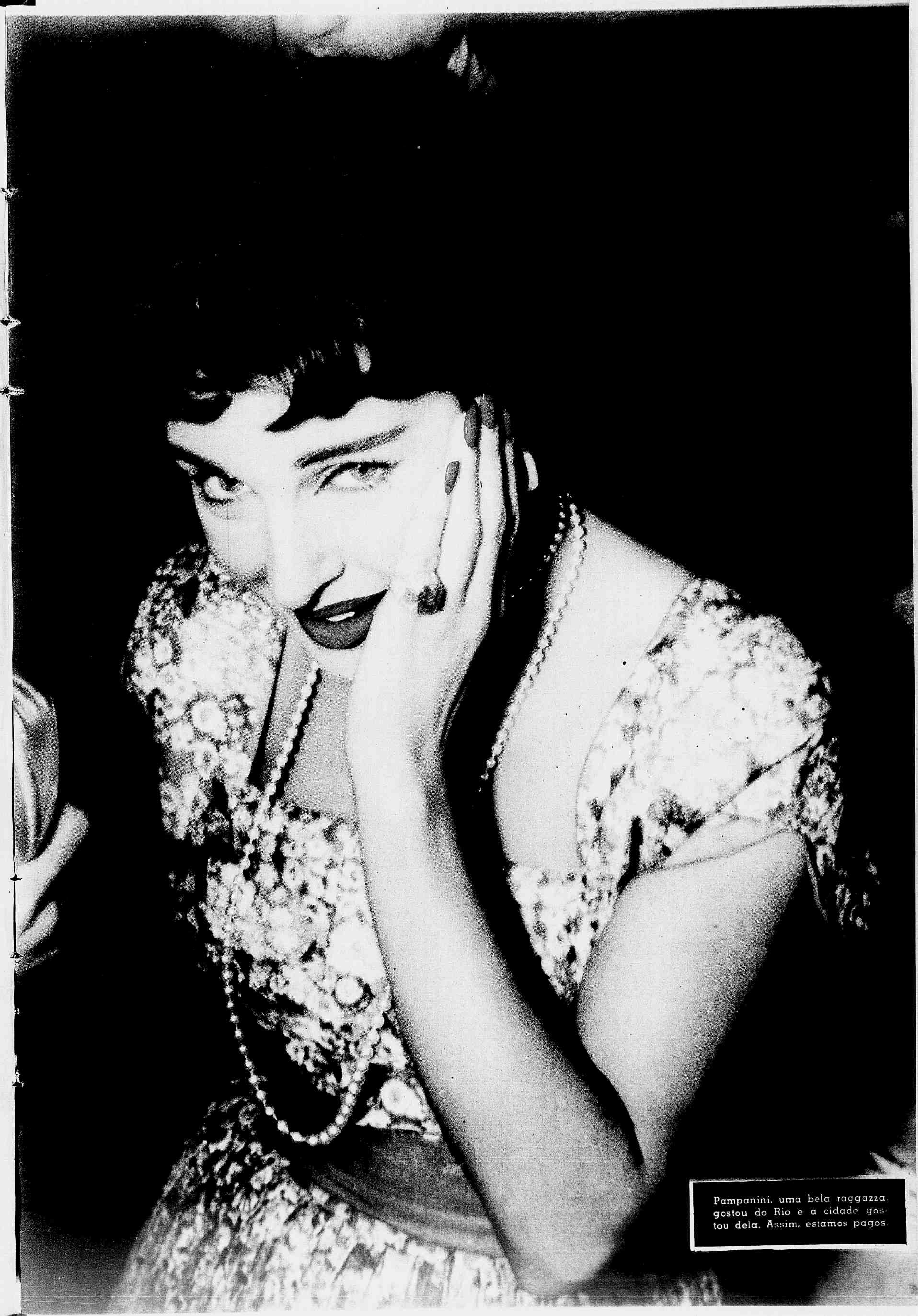


UM POUCO DE HOLLYWOOD VEIO AO RIO

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



Pidgeon e Elaine Stewart num almôço com que foram homenageados conversam como bons amigos. Pampanini palestra e relembra uma entrevista em Roma.



Pampanini, uma bela raggazza, gostou do Rio e a cidade gostou dela. Assim, estamos pagos.

UM POUCO DE HOLLYW

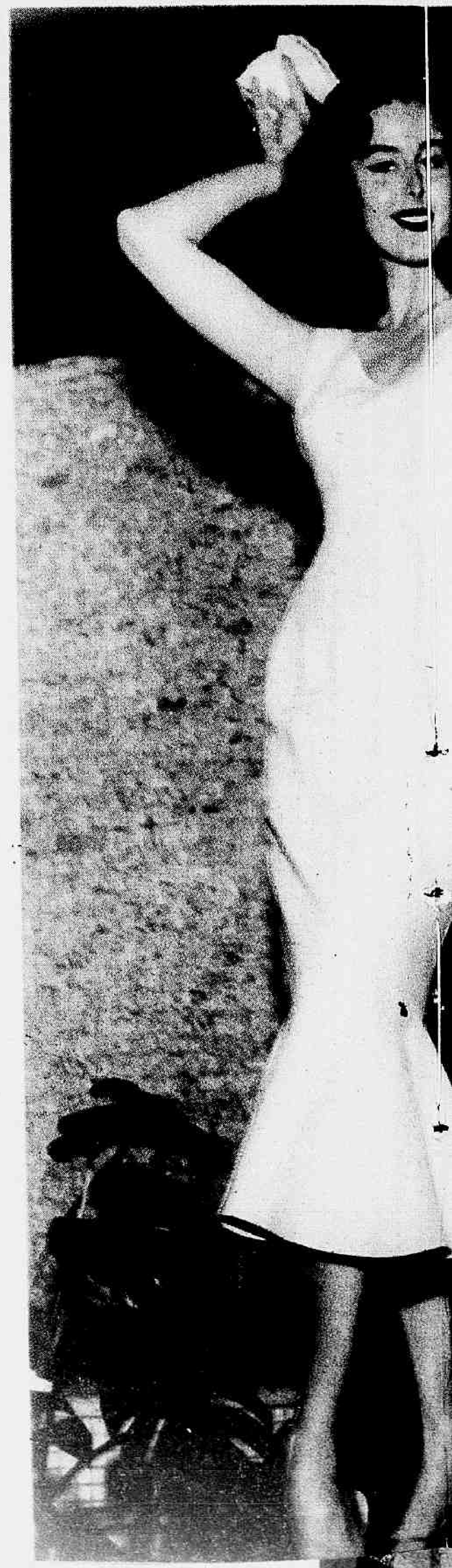
• *Voltando de Punta del Este conta da cidade algumas gente famosa e simpática da cate Pat O'Brien, Dorothy Mc Guire, Elaine Stewart e Walter Pidge moços e jantares, bebendo mar (Copacabana e Paque boites e sambando em bailes ca ram do Carnaval e apesar dos deram festas em ambientes mais*



Pampanini e Dircinha Batista fizeram boa amizade. Ambas comunicativas e boas «praças».



Silvana Pampanini, Dick Farney e Vanja Orico, belo trio para uma produção ítalo-brasileira.



HOLLYWOOD VEIO AO RIO

del Este desceram no Rio e tomaram mas figuras de destaque do cinema, ca da categoria de Silvana Pampanini, Mc Guire, Wayne Morris, Dean Jagger, ter Pidgeon. Andaram recebendo al- bendo coquetéis, tomando banhos de aque... m feijoada) vendo shows de bailes carnavalescos. Viram e gosta- esar dos dias muito quentes, não per- entes mais quentes ainda.





A americana Elaine Stewart, in- teirinha ou pela metada faz muito bem aos olhos da gente.



Mercedes Mc-Cambridge, sem- pre inteligente, sempre amiga da «estrêla» Joan Crawford...



RESUMO DA PARTE PUBLICADA

Apesar dos acontecimentos da Cova da Iria serem presenciados por inúmeras pessoas, Lúcia, Francisco e Jacinta continuava sendo interrogados insistentemente para o Inquérito Paroquial de Fátima. O cônego Manuel Nunes Formigão desanimado por não ver fato algum que a impressionasse, prosseguiu suas investigações no propósito de esclarecer os fenômenos que vinham ocorrendo. Lúcia revelou que a Senhora desejava fôsse o dinheiro das esmolas levadas a Cova da Iria dividido em duas partes: uma para o culto e festas de N.S. do Rosário, e outra destinada à construção de uma nova capela. Revelou, ainda, que na próxima aparição de 13 de outubro a Santa faria um milagre para que todo o povo acreditasse na verdade de sua existência.

FÁTIMA - Revelação dos Três Pastôres

Por MÁRIO SALGUEIRO

Desenho de RAMÓN

(Exclusividade no Brasil, para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo, ou em parte)

CAPÍTULO VI

A notícia de que em outubro, quando se realizasse a última aparição a Virgem faria um milagre para que todos acreditassem que ela estaria realmente presente na Cova da Iria, alastrou-se por todo Portugal. Como vimos, os três pastôres haviam sido interrogados por médicos, cientistas, padres, e nenhum dêles havia podido encontrar no que diziam alguma contradição. Isto serviu para que cada vez aumentasse mais o número dos que acreditavam no que as crianças afirmavam. Quando finalmente chegou o mês de outubro, de um extremo a outro do país, todos aguardavam com ansiedade o dia 13 e o grande milagre que então se realizaria.

● ATITUDE DA IMPRENSA — O jornal «Mundo», órgão oficioso do livre-pensamento, depois de haverem fracassado totalmente as tentativas do Administrador, em agôsto, para pôr as crianças em ridículo, havia deixado de lado a idéia de continuar analisando e combatendo o que se passava na Cova da Iria. Igual atitude mantinham os jornais católicos. Não tocavam no assunto, talvez aguardando a opinião da Igreja sôbre os fatos.

O jornal «O Século», naquela época já era um órgão informativo e embora dominasse entre os que os redigiam o espírito livre-pensador, resolveu enviar a Fátima um observador para relatar aos leitores o que lá se passaria no dia 13. Com tal atitude os diretores do jornal pensavam não só informar o público, como conseguir um grande «furo» de reportagem. Foi destacado para desencumbir-se da tarefa o redator Avelino de Almeida, um dos que mais se destacavam na época. Havia sido seminarista mas, reconhecendo não possuir vocação religiosa, abandonara o Seminário e viera para Lisboa empregando-se na imprensa. Destacando-se como maçon e livre-pensador, escrevia artigos exaltadíssimos contra os padres e a Igreja. Antes de sair de Lisboa, Avelino de Almeida deixou pronto um artigo que seria publicado no dia 13 de outubro, no qual relatava os acontecimentos dos meses anteriores e avisava ao público que na sua próxima crônica relatara como se havia desfeito a comédia...

● 13 DE OUTUBRO — No dia 12, de tôdas as províncias, dirigiam-se para Fátima grandes massas de peregrinos que aí pernoitaram, cantando e rezando durante tôda a noite. No dia 13, reunia-se na Cova da Iria uma multidão de aproximadamente 50 a 70 mil pessoas.

Pouco antes do meio-dia, na casa de Lúcia, sua mãe ainda lhe recomendava:

— Você tem mesmo certeza do que diz? Se de fato hoje não se der o milagre, tôda esta gente se voltará contra nós.

— Não há o que temer — respondia Lúcia — tenho certeza de que tudo sairá certo.

Na casa do sr. Marto havia igualmente um ambiente de grande ansiedade. Sòmente o pai de Jacinta e Francisco continuava afirmando a sua fé no que as crianças diziam.

Lúcia e Jacinta foram vestidas, a primeira de azul e a segunda de branco. Francisco também trajava a sua melhor roupa. As pequenas tinham na cabeça guirlandas de flôres artificiais.

(Cont. na página 40)





Dolores Dorn usa chumaços de algodão para passar na perna uma loção oleosa que lhe dá flexibilidade e maciez.

CONVERSA DE MULHER

(LÍGIA JUNQUEIRA)

BOLINHAS DE ALGODÃO

Quando aplicar a água de colônia sob os braços e no colo, faça-o com uma bolinha de algodão. Depois, aproveite a bolinha usada para perfumar a sua lingerie ou as suas meias, deixando-a entre elas.

★

Quando passar no rosto o líquido de limpeza, utilize-se também de uma bolinha de algodão. Se notar que o algodão ficou muito sujo, renove a aplicação do líquido, porém com outra bolinha limpa.

★

Para aplicar cremes de limpeza ou lubrificantes, você pode, ainda, usar bolinhas de algodão, umidecendo-as porém, prèviamente, em água morna.

★

E, para retirar o esmalte das unhas, molhe uma bolinha de algodão no removedor, faça, durante uns segundos, uma pequena pressão sôbre as unhas e o esmalte velho sairá todo.

ALMOFADINHAS DE ALGODÃO —

As almofadas de algodão são mais higiênicas e práticas do que as plumas, para se passar o pó de arroz. Use uma almofadinha para aplicar o pó, e use o reverso para retirar o excesso do mesmo.

★

Almofadas de algodão molhadas em colírios ou em outras loções para os olhos ajudam bastante a repousá-los quando aplicadas por algum tempo como compressas. Ponha a almofadinha embebida e vá abrindo os olhos, para que o preparado penetre aos poucos dentro dos mesmos.

★

Também uma almofada de algodão servirá para espalhar o óleo ou a loção no cabelo, ou para aplicação de algum preparado antes do xampu. Se seu cabelo é oleoso, molhe a almofadinha de algodão em loção adstringente, o que é também bom contra caspas.

★

Um espinho de laranjeira com a pontinha enrolada em algodão é indispensável para o cuidado das unhas. Usa-se para aplicar o removedor de cutícula, para limpeza da parte interna das unhas, etc.

★

Use o mesmo num bastãozinho ou espinho de laranjeira com um pouco de sombra, para alongar os cantos dos olhos, dando-lhes a forma de «gazela» tão em moda. O resultado é melhor que se riscando com um lápis.

UM ACESSÓRIO INDISPENSÁVEL NO TOUCADOR

● *Apesar das muitas invenções, que visam substituí-lo, o algodão em chumaço continua a ser indispensável no toucador feminino. Serve para aplicação da maior parte dos produtos de beleza. Quando você adquirir o seu pacote de algodão em chumaço, não comece, porém, a usá-lo de qualquer forma, o que desperdiçaria muito.*

Divida-o em duas partes. De uma faça pequenas bolinhas, que irá colocando num vidro de bôca larga, para usar aos poucos. A outra parte, abra-a, e corte a resma em almofadinhas quadradas, de mais ou menos 6 cm. de lado. Arrume-as numa caixinha, umas sôbre as outras, também para uso posterior. Eis para que servem, umas e outras:

VARIEDADES

● NÃO PODIA SORRIR... NEM BEIJAR — Aconteceu na Inglaterra. Um atropelamento, a sra. Lily Green ferida e o conseqüente processo de indenização: 500 libras esterlinas. Agora, porém, a sra. Green conseguiu dobrar para 1.000 libras esterlinas a sua indenização, apelando para nova ação judicial, sob a alegação de que o acidente pusera uma limitação a suas faculdades femininas: devido a uma disfunção do sistema neuro-vegetativo não podia mais sorrir, e, o que era pior, a simples pressão sôbre seus lábios lhe provocava uma sensação dolorosa, impedindo-a de beijar o marido e poder assim apreciar tôda a doçura de tais efusões sentimentais. A sra. Green ganhou o processo.

● O MARIDO SE VINGOU... INCENDIANDO. — Êste outro fato ocorreu em Milão. Chegando do trabalho «il signore» Greco encontrou a espôsa imersa numa palpitante leitura, a tal ponto que o jantar não estava pronto e o leito por fazer desde a manhã. Greco não teve dúvidas, tirou uma caixa de fósforo do bôlso e pôs fogo na cama, dizendo:

— Agora não precisarás mais arrumar a cama.

A mulher se precipitou para o telefone, chamou a polícia e os bombeiros, e foi um pandemônio!

● CASAS DE PAPELÃO? — Uma das últimas invenções norte-americanas em material de construção é um produto prensado com papelão, resina fenólica. Depois é revestido de uma ligeira camada de alumínio, de aço inoxidável, de madeira compensada ou de plástico. Dizem os técnicos que êsse material é de grande resistência e duração, incombustível, não atacável por insetos daninhos, isolante e antiacústico... Tão maravilhoso, que já estão construindo casas com êle nos Estados Unidos, e as donas de casa parecem estar satisfeitas.

● INSTITUTO DE BOAS MANEIRAS. — Existe em Moscou uma escola de boas maneiras criada para os diplomatas, suas famílias e seus criados. Nela ensinam professôres estrangeiros, principalmente franceses, e alguns nobres empobrecidos, da aristocracia européia. A causa da criação de tal Instituto de Boas Maneiras é o pouco traquejo social demonstrado em geral pelos diplomatas soviéticos e suas senhoras — sempre frias, sérias e fechadas — nas reuniões mundanas, jantares, etc., nos países para os quais são nomeados.

● OUTRAS VITÓRIAS DE EVA — Noticiamos há pouco tempo o número recorde de mulheres que conseguiram postos nas últimas eleições para o Congresso norte-americano. Hoje nos chega uma estatística que informa de maneira impressionante os progressos das mulheres estadunidenses em campos que nossas avós consideravam «masculinos». **Existem nos EE.UU.**, exercendo a profissão:

7.000 engenheiras;
11.000 médicas;
6.000 advogadas;
3.000 jornalistas e publicitárias;
3.000 nos serviços diplomáticos e consulares
— em cargos importantes...

Fora meio milhão de funcionárias públicas.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

NOTINHAS ÚTEIS

A dona de casa, principalmente quando ainda inexperiente, encontra dificuldade em calcular a quantidade de mantimento que deve preparar, pois, muitas vêzes, o seu volume aumenta ou diminui depois do cozimento. Eis uma relação que o ajudará; conserve-a sempre a mão para as ocasiões de dúvida.

Arroz — Meio quilo de arroz cru equivale a duas xícaras e meia. Depois de cozido, para cada xícara cru se obtém 4 xícaras de arroz cozido.

Feijão — Com meio quilo de feijão se obtém 4 xícaras de grão cozido, sem o caldo.

Verduras — Eis como se comportam as verduras quanto à diferença de volume entre cruas e cozidas:

Repôlho — meio quilo se transforma em 4 xícaras, quando picadinho.

Cenoura — meio quilo (4 a 5 de tamanho médio) — dá 2 xícaras de cenouras, cozidas em fatias.

Espinafre — É preciso meio quilo para servir bem 3 pessoas, pois o espinafre míngua muito.

Abóbora e Abobrinha — A abóbora amarela rende menos que a abobrinha; para meio quilo de cada, obteremos, depois de cozidas, 1 xícara de abóbora amarela e 2 d'água.

Tomates — Meio quilo dá 2 xícaras e meia, cozidos.

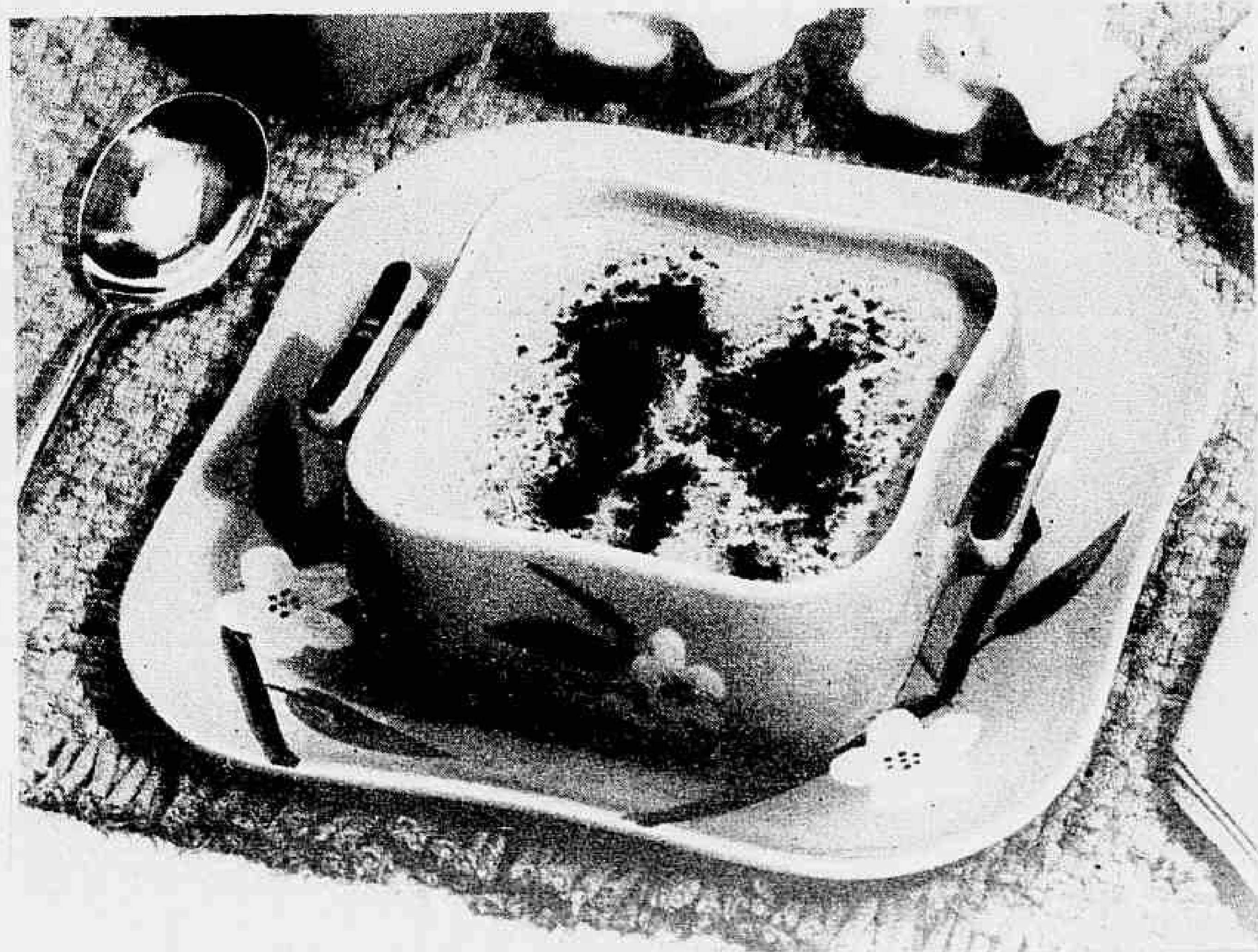
Milho — Para se obter uma xícara de grão são precisas 4 espigas, de tamanho médio.



WEEK-END NA COZINHA

● Estamos no tempo da couve-flor. Você já deve ter percebido isso, porque os preços estão baixando sensìvelmente. Uma cabeça, que, há um mês atrás, ainda era vendida por 25 cruzeiros, hoje se consegue por 10 e, pechinchando, até pela metade, nas feiras-livres. Portanto, esta receita poderá lhe ser útil imediatamente, é de **«Sopa de Couve-Flor».**

1 — Cozinhe uma cabeça de couve-flor, de tamanho médio, e, à parte, 6 batatas, também médias. Depois de ambas bem cozidas esmague e passe pela peneira. 2 — Numa panela grande, ponha: um litro de leite, uma colher das de sopa de manteiga e uma colher das de sobremesa de maizena. Deixe ferver e junte, então, o pirão de couve-flor e de batatas. Deixe ferver mais um pouco. 3 — Na sopeira em que a sopa vai para a mesa ponha 2 gemas e mais uma colher das de sopa de manteiga. Despeje uma concha de sopa, ainda bem quente, e misture ràpidamente para desmanchar a gema e a manteiga. Mexa bem, e... pode servir. Espalhe por cima um pouco de farinha de rosca bem grossa e torradinha, como aparece na fotografia, se desejar.





Sugestão para o lar

● O couro é uma material de muita importância na decoração moderna. Pode ser empregado com finalidades diversas — desde forração de almofadas, até para tapêtes e cobertas de mesas. Em couro, é não sòmente o estofamento da poltroninha da fotografia, como o reposteiro que lhe serve de fundo, dando ao ambiente aspecto ao mesmo tempo leve e austero — ainda que estas duas expressões possam parecer paradoxais.

A decoração se completa com uma mesinha baixa, cujo tampo é trabalhado em pastilhas de mosaico de vidro, de Veneza, e um quadro com motivo moderno, que se destaca na parede em pau marfim envernizado. O pavimento em cerâmica encerada, em diversas tonalidades de terra de Siena condiz com a decoração, que foi, aliás, muito bem imaginada pelo arquiteto Dunbar.

CANO GALVANIZADO
CANOS GALVANIZADOS
CANO GALVANIZADO
CANOS GALVANIZADOS

OS MELHORES PREÇOS DO BRASIL ● OS MELHORES PREÇOS ● TELEGRAFE OU ESCREVA: — EMPREZA DE TUBOS — CAIXA POSTAL 3441 — RIO DE JANEIRO — TELEGRAMAS «DEGEC» — RIO

CONDUITS-ELETRODUTOS
CONDUITS-ELETRODUTOS
QUALIDADE APROVADA

ENTREGA IMEDIATA DE STOCK — GRANDE STOCK CANOS GALVANIZADOS APROX. 6 METROS CADA

CONDUITS-ELETRODUTOS
3 METROS CADA CANO

———:-:———

COM LUVA E ROSCAS

PÊSO APROXIMADO CADA CANO GALVANIZADO:—

½"	¾"	1"	1¼"	1½"	2"	
6,400	8,700	13,200	18	21	28	Kgs

———:-:———

CADA CONDUIT DE 3 MTS PÊSO APROXIMADO:—

½"	¾"	1"	1¼"	1½"	2"	
2,500	3,300	4,500	6,800	8	10,600	Kgs

———:-:———

COMPRE MELHOR, POR MENOS

LEIAM

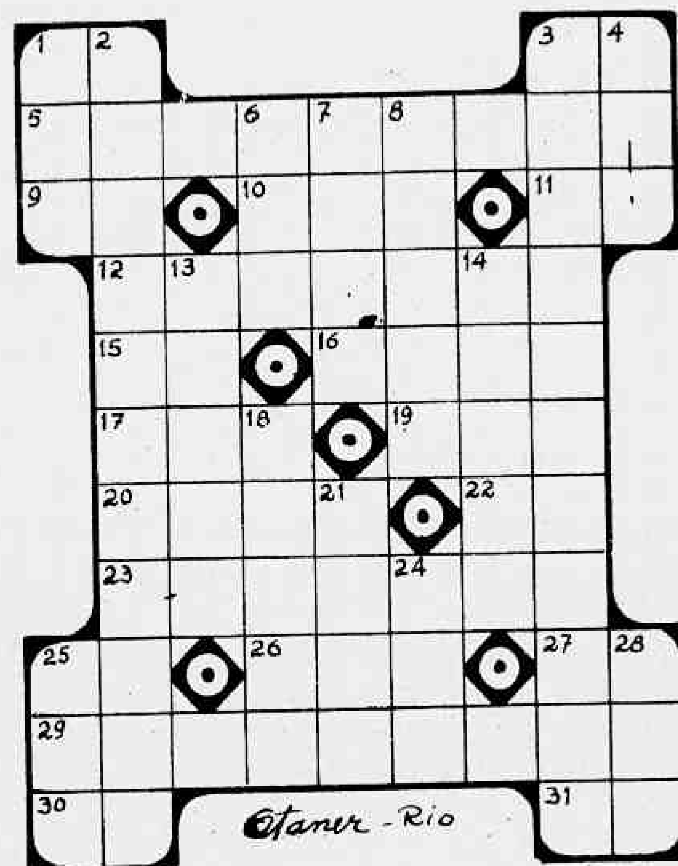
A CENA MUDA

A MELHOR REVISTA DE SEMANA

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 55

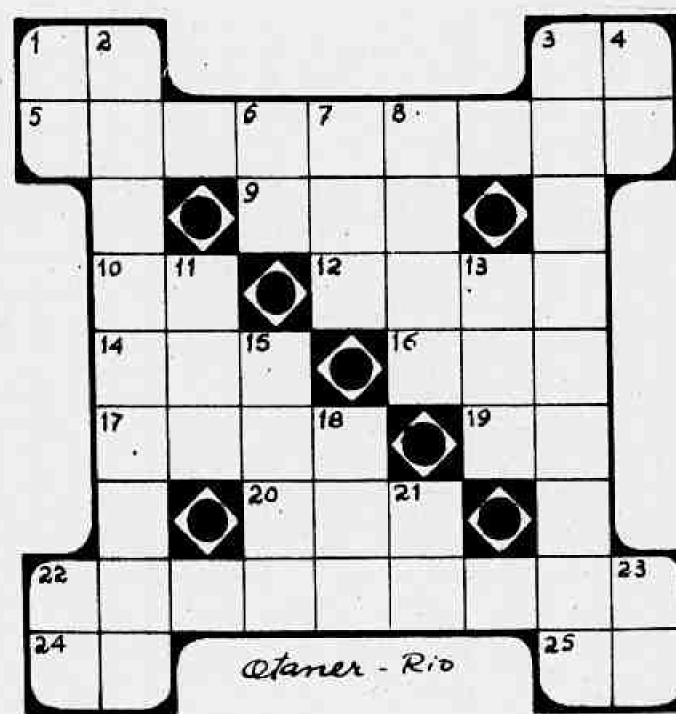
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Coisa sem valor — 3. Rei do país dos bem-aventurados (mit. egíp.) — 5. Estimular — 9. Medida japonêsa de extensão — 10. Nome de homem — 11. Deusa cultuada na Capadócia — 12. Narrativa — 15. Pai de Hupim e Supim — 16. Uma das três divisões administrativas da Argélia — 17. Nome de mulher — 19. Metal, pedra, em tupi-guarani — 20. Fita — 22. Prefixo que traz a idéia de proximidade — 23. Célebre — 25. Símbolo de um elemento químico radioativo — 26. Tratamento carinhoso dado na Índia a meninas e mulheres casadas ainda moças — 27. Sufixo designativo de diminuição — 29. Capote — 30. Corifeu — 31. Aparência.

VERTICAIS: — 1. Dois — 2. Presunçosos — 3. Instrumento de ferro, para desbastar peles — 4. Constelação austral — 6. Divindade greco-romana — 7. Desregramento — 8. Rio do Congo francês — 13. Subtileza — 14. Existir — 18. Massa de mandioca com sal, pimenta e alho, usada como tempêro — 21. Guarnecer de asas — 24. Pequeno rio da França, nos Pirineus — 25. Cachaça de mau gôsto — 28. Pagos.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Nota musical — 3. Outra coisa — 5. Da Amazônia — 9. A primeira mulher — 10. Batráquio — 12. Terreno em frente de igreja — 14. Época — 16. Rio da França, afluente do Ródano — 17. Peleja, briga — 19. Grito de dor — 20. Chefe etíope — 22. Ato de adiar — 24. Isolado — 25. Brisa.

VERTICAIS: — 1. Ali — 2. Um tanto amarelo — 3. Indivíduo que tem ações de uma companhia — 4. Tecido finíssimo — 6. Apelido de José — 7. Ovário de peixe — 8. Coisa nenhuma — 11. Espécie de sapo das regiões do Amazonas — 13. Escarnecia — 15. Negra, tenebrosa — 18. Medida holandesa de capacidade para líquidos — 21. Igreja episcopal — 22. Artigo plural — 23. Sufixo designativo de autor.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 54
PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: reato — rum — Ana — dom — ema — albácoras — érebo — Ma — só — daigi — amoldados — lar — aru — rês — Ada — série.

VERTICAIS: rumbeadores — em — ta — onerosidade — rol — ama — dal — ice — asa — Ar — ob — cal — Al — ida — Ga — Tsu — mar — ora — se — ai.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: má — lá — pó — nu — novidades — irosa — ama — ida — édulo — sanatório — it — ir — ar — cá.

VERTICAIS: movimenta — andadoria — pó — ado — ué — nó — irada — asilo — só — os — uta — dó — ai — ir.

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

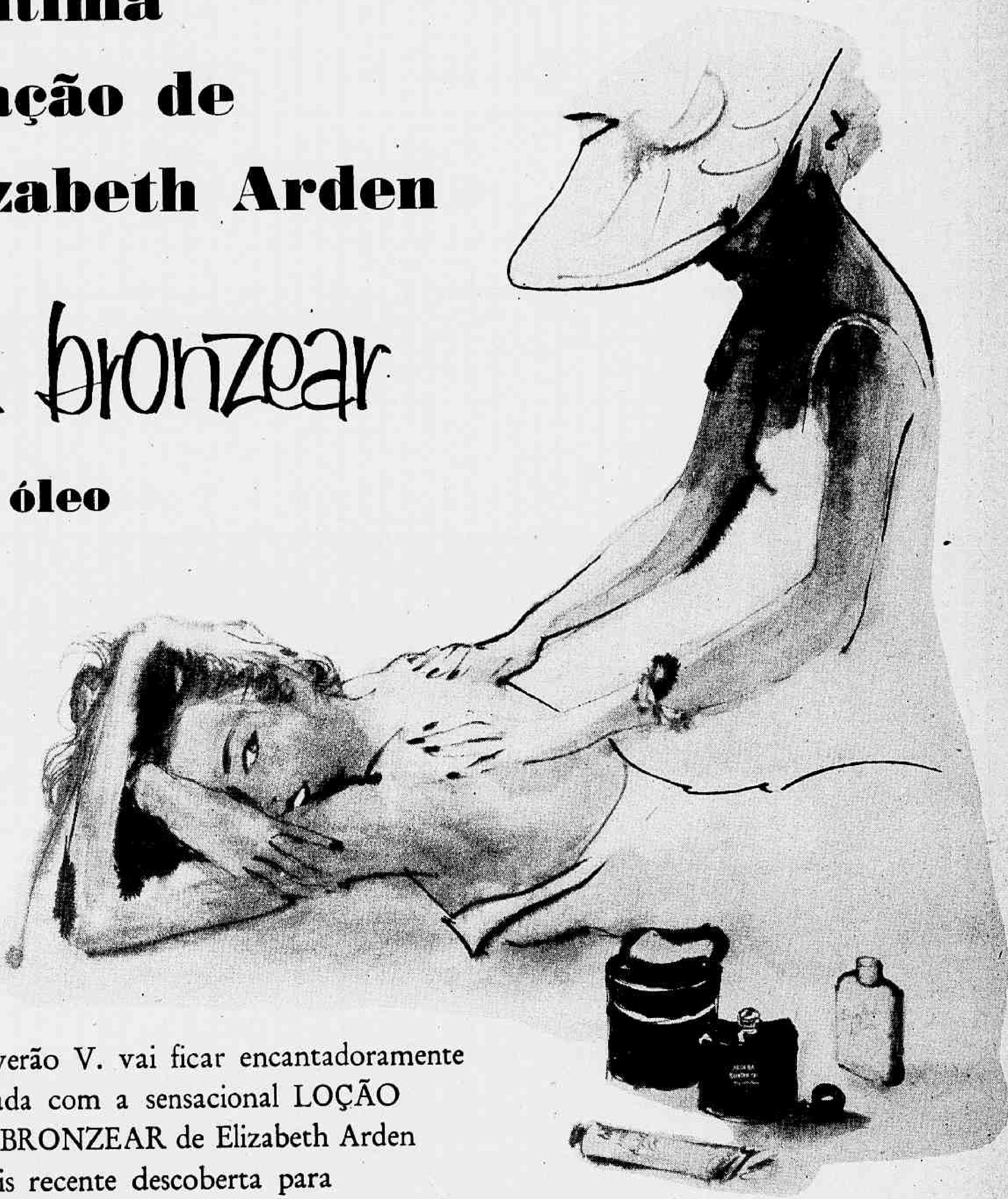
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .
NOME. . . . .
RUA. . . . . Nº. . . . .
CIDADE. . . . .
ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

a última criação de Elizabeth Arden

Loção para bronzear

sem óleo



Nova loção que protege V. contra o excesso de sol... e dá encantador bronzeado à sua pele!

Neste verão V. vai ficar encantadoramente bronzeada com a sensacional LOÇÃO PARA BRONZEAR de Elizabeth Arden - a mais recente descoberta para bronzear e defender V. das queimaduras pelos raios solares. ARDENA LOÇÃO PARA BRONZEAR não contém óleo. Porisso a areia não adere à sua pele... e V. fica livre da desagradável aparência "gordurosa". ARDENA LOÇÃO PARA BRONZEAR é ràpidamente absorvida pela pele, tornando-a impermeável à água - permitindo que V. receba todos os benefícios da luz do sol, tão necessária à sua saúde e à sua beleza. E como não é eliminada pela água da piscina ou do mar, V. só precisa aplicá-la uma vez - e sua pele permanecerá sempre fresca, macia... e sedutoramente morena!



Elizabeth Arden

Preco Cr$ 50,00

EA-76 A

O BRILHO DA MEDALHA: O AUTOR

BRUTUS PEDREIRA

● A Associação Brasileira de Críticos Teatrais, na escolha anual dos «melhores» de 1954, premiou, com medalha de brilho de ouro, o Sr. Joracy Camargo como «o melhor autor do ano». Entre «A Cidade Assassinada», de Antonio Callado, e o «Lampião», de Raquel de Queiroz, aquela agremiação escolheu a «Figueira do Inferno» que a Cia. Dulcina-Odilon apresentou no teatro da rua Alcindo Guanabara. Por ocasião da estréia dêsse espetáculo, a CRÍTICA escreveu o seguinte: «Figueira do Inferno» se aproxima de uma conferência, de uma aula que bem poderia ilustrar programa de educação sexual, com suas citações e conselhos, só faltando em cena os antissépticos, seringas e algodões. A peça descamba para o mar alto das novelas com todos os expedientes de dramalhões passados. «Figueira do Inferno», como peça, não se sustenta». «Joracy Camargo preocupa-se em dar explicações técnicas e científicas para justificar a trama de sua peça. «Figueira do Inferno» é monótono, e, como desenvolvimento só chega a interessar a uma platéia que reage com gargalhadas onde pensa encontrar o sensacional, o escabroso». «Recorrer a fórmulas sediças é condenar o próprio trabalho. Tudo o que se torna obsoleto deve ser pôsto de lado. O modo pelo qual Joracy Camargo desenvolveu seu trabalho nada apresenta de novo. Lançou mão de fórmulas cansadas como aquelas que utilizou em «Bagaço» e «Santa Madre». «Figueira do Inferno» é uma barbaridade teatral, a coisa mais rebarbativa presenciada nesses dez últimos anos no teatro brasileiro. Verdadeira aula de genética, em três longos atos e 2 quadros, que se perde em situações forçadas e geralmente de gôsto duvidoso, com uma estruturação dramática fortemente inclinada para a pior novela radiofônica. «O primitivismo da peça «Figueira do Inferno» é sem precedentes. A carpintaria teatral é de curso infantil. O texto faria corar o próprio conselheiro Acácio». «Os diálogos de «Figueira do Inferno» são empurrados e pretenciosos, e naquele discurso final o mau gôsto assume proporções assustadoras». «Ou bem se faz uma conferência ou se escreve uma peça. Metade, ou mais, da «Figueira do Inferno», de Joracy Camargo, no Teatro Dulcina, é matéria recolhida para uma conferência sôbre a fecundidade e a esterilidade, concepção, genética, inseminação artificial. O suposto cientificismo do assunto inseminação artificial e a postiça preocupação de mostrar os grandes males morais e sociais que podem resultar da aplicação dêsse método anti-natural de procriação, sacrificam aos olhos e ouvidos do espectador... etc.» «Figueira do Inferno» é um abôrto teatral, um espetáculo de ínfima categoria, onde tudo é horrível». «Joracy Camargo barateou o tão importante assunto da inseminação artificial numa comédia rasa e comercial». «Figueira do Inferno deve ter sido inspirada nas reportagens científicas de O Globo». «Os aspectos jurídicos e morais, os mais importantes da questão, foram desprezados, e dela, apenas se explora o clima psicológico em meio de concessões galhofeiras».

A Associação Brasileira de CRÍTICOS Teatrais, prestigiando seus associados, inaugura, dêste modo, novo processo de publicidade, único no mundo inteiro: futuramente, na entrada dos nossos teatros, nos cartazes de rua e nos anúncios de jornais, as nossas companhias profissionais usarão a opinião contrária da crítica como chamariz de propaganda. E teremos coisas assim: «Recomendo aos meus leitores. Não percam, é o pior espetáculo do ano. Péssima carpintaria, que demonstra a falta de dissecação de livros pelo autor», (Correio da Manhã). «Nem mesmo quando a divina Duse era criança, os espetáculos apresentavam tanta improvização e tanto desatino», (Jornal do Brasil). «O que eu quero dizer é que o que se viu na estréia não era o que se devia ver num espetáculo em que se viu o que foi visto», (Tribuna da Imprensa). «No «ensemble» o espetáculo é muito «fatigante», (Diário da Noite)». Entre aquêle fim de rua e a esquina colorida por uma alfaiataria conhecida, o leitor encontrará um teatro banhado de luzes claras e arte fina; nesse «domaine mystérieux» está o espetáculo ridículo, cacete que não redime as penas que sofremos sacudidos no lotação que nos levou até lá». (Diário Carioca). «O espetáculo é uma dessas realidades que não salvam nem elevam a arte teatral em nosso meio. Peça com maus cenários, pobre de sugestões panorâmicas, que não são nem encantadoras nem completas». (Diário de Notícias). «Monótono, suporífero e novelesco! Cenários a gôsto», (Folha Carioca). «O espetáculo não teve um período de «entrainnement» e, conseqüentemente, não foi jogado com precisão, no seu rendimento imperfeito», (Jornal dos Sports). «... embora o conteúdo social e político do espetáculo seja digno de registro», (Imprensa Popular-Crítica XXXII — Final.) «Se êste espetáculo fôsse estreado em Paris, a crítica francêsa, em sua maioria, haveria de salientar o seu grande defeito. A simples leitura do péssimo trabalho de ...». (O Globo). «O espetáculo, sobremodo, foi mal montado. O diretor não conseguiu bons resultados dos intérpretes. Os intérpretes nervosos e inseguros dentro de um cenário inexperiente. O cenarista estreante não possuindo grandes méritos deu nisso: resultado infelicíssimo», (Jornal do Comércio). Etc... etc... Parabéns à A.B.C.T.



BIBI FERREIRA E HERVAL ROSSANO — Os enamorados de «Senhorita Barba Azul» e ainda Paulo Ribeiro, Sady Cabral, Francisco Dantas e Alberto Perez em outra cena do atual cartaz do Teatro Dulcina.

NOTICIÁRIO

RAQUEL MOACYR NO TEATRO DE ARENA — O Teatro de Arena estreou sua nova e permanente sala de espetáculos em São Paulo, levando, com sucesso, a «Rosa dos ventos», de Claude Spaak. Além do elenco permanente, o T. A. conta agora com a participação da experimentada Raquel Moacyr.

* * *

YERMA — Continua o sucesso de «Yerma» em Paris, onde Domitilla Amaral, atriz brasileira, arranca os maiores elogios da crítica especializada. «Yerma» está no Teatro de «La Huchette», foi dirigida por Guy Soarés.

* * *

MULHER DE BRIGA — Falando de sua nova peça, «Mulher de Briga», Pedro Bloch declarou: «Muher de briga» é, antes de mais nada, uma comédia brasileira. Êsse «brasileira» se refere ao tema, à linguagem, aos tipos, aos problemas que a peça aborda, à uma infinidades de detalhes, ao cenário, a tudo enfim».

* * *

FEYDEAU EM SÃO PAULO — No Teatro Maria Della Costa, dirigido por Gianni Ratto, o Teatro Popular de Arte de Sandro Polloni e Maria Della Costa está apresentando «Com a pulga atrás da orelha», de Feydeau. Sôbre o espetáculo escreve Décio de Almeida Prado: «Gianni Ratto é uma grande conquista do nosso teatro, do mesmo porte que as de Ziembinski ou Celli, pela integridade artística e conhecimento da profissão. Tudo o que diz respeito ao seu trabalho, em «Com a pulga atrás da orelha», é excelente, pairando sôbre todos os outros elementos o senso do ritmo, absolutamente certo, rapidíssimo sem ser frenético ou ofegante. «Com a pulga atrás da orelha», no conjunto, deixa a mesma impressão de «O Canto da Cotovia»: um espetáculo de classe, preparado com cuidado e carinho».



RUTH DE SOUSA — Foi aplaudidíssima pela crítica do Festival de Punta del Este; aparecerá integrando o elenco de «Paiol Velho», de Abílio Pereira de Almeida, a próxima atração do TBC.

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO — «Alto Mar», de Sutton Vane (também conhecida por «Fora da barra») é a nova apresentação do esplêndido TAP na sua temporada em São Paulo. A crítica que recebeu entusiasmada o grupo de Waldemar de Oliveira elogia o espetáculo, que em nada desmerece as apresentações anteriores (A Casa de Bernarda Alba e A Esquina Perigosa).



Pampanini

Verônica Drey

feijoada e

banho de mar

Nota triste:

Pampanini

não mostrou

as pernas

e os

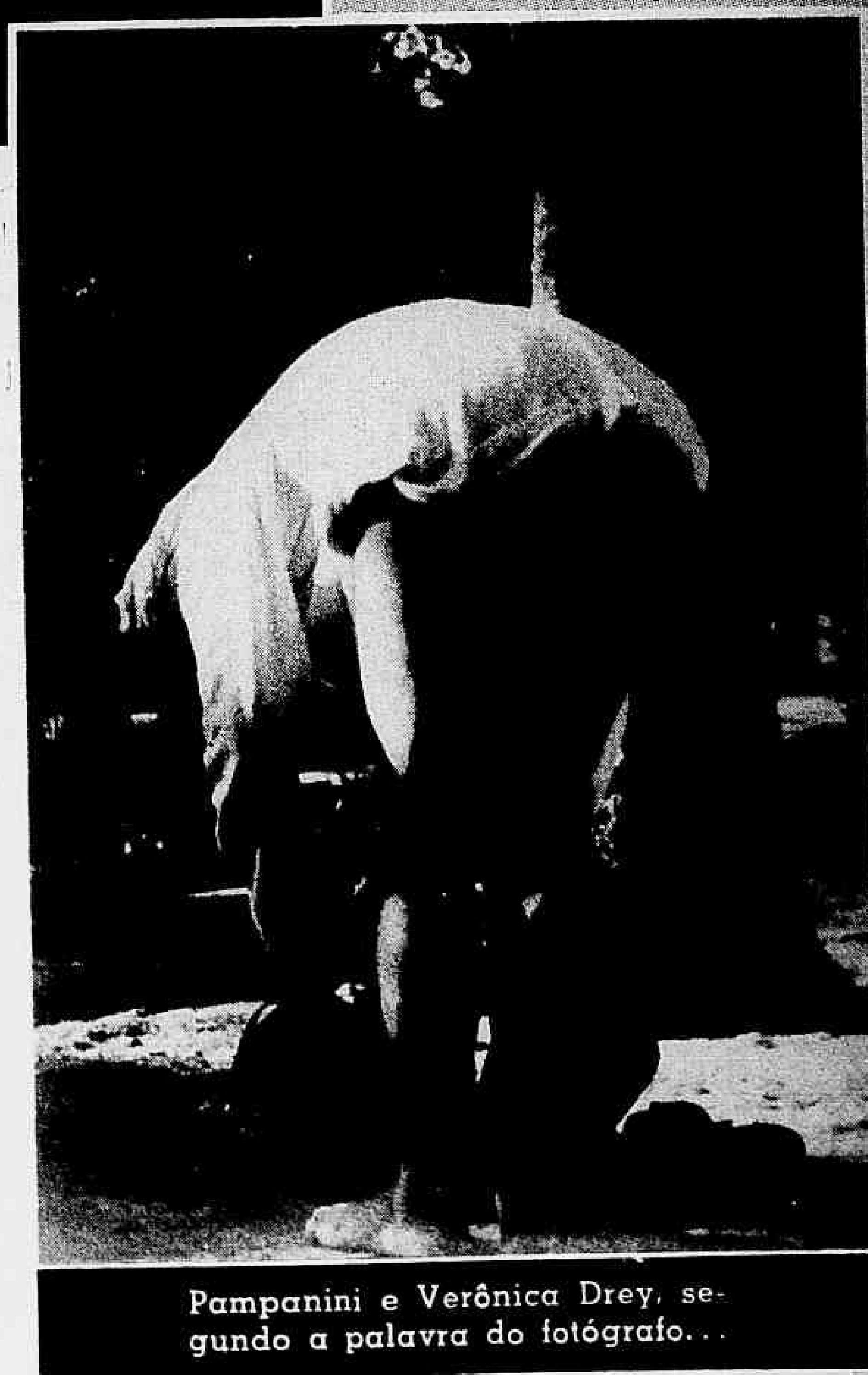
convidados

"morreram"

em 150

cruzeiros

UM CARNAVAL (sem fantasia) EM PAQUETÁ



Pampanini e Verônica Drey, segundo a palavra do fotógrafo...

Pampanini foi a Paquetá,







ESCREVER que Paquetá é um céu aberto que começa neste mundo e não sabe onde acabar não é tão interessante como dizer que Paquetá conheceu Pampanini e Verônica Drey. As duas estrêlas (e outras figuras) pisaram a areia da praia famosa, conheceram suas sombras e seus recantos pitorescos, comeram feijoada (150 pratas) e passaram uma tarde alegre, com sambas e batucadas, tudo em rítmo de Momo, um verdadeiro Carnaval sem fantasia. O contraste da festa foi mesmo entre as duas estrêlas. Enquanto Verônica Drey desnudou-se no maillot, exibiu o seu belo corpo e suas pernas fabulosas, Silvana Pampanini não saiu de dentro da saia

Chegou, viu e divertiu-se muito, mas não tirou a saia estampada, porque a gripe não lhe deixou tomar banho de mar.

Pampanini e um galã improvisado. Ficou só nisso, não houve







distribuiu sorrisos, comeu feijoada, mas não mostrou as pernas a ninguém



comprida e rodada, alegando que estava gripada e não podia tomar banho de mar.

Todo mundo em Paquetá ficou furioso contra a gripe da Silvana, que a impediu de mostrar aos olhos de tantos curiosos as linhas do corpo cuidadosamente escondido. Seria mesmo gripe, ou maldade da Pampanini contra os fãs? Apesar disso e dos 150 cruzeiros que os promotores da festa "tomaram" de todos os convidados, a tarde foi alegre e festiva, com Verônica Drey e Patrícia Lacerda muito animadas, havendo ternuras sôbre a areia e romances a pleno sol... (Fotos de ALBERTO FERREIRA).



Pampanini recebe cumprimentos de uma admiradora de 128 quilos. Seria a Rainha Moma? Todos viram mas ninguém sabe.

ternuras sobre a areia, como diz o samba, nem mais nada







FÁTIMA REVELAÇÃO DOS TRÊS PASTÔRES

(Continuação da página 31)

Acompanhadas do sr. Marto, as crianças tiveram grande dificuldade em chegar à Cova de Iria, devido à grande quantidade de lama que se acumulara com a chuva fina que caíra durante tôda a manhã. À sua passagem, muitas senhoras se ajoelhavam, no que eram reprovadas pelo pai dos pequenos.

● O RELATO DE AVELINO DE ALMEIDA — O redator de «O Século» nos dá um minucioso relato do que ocorreu na Cova da Iria, dêste modo, aqui o transcreveremos:

«Ourém, 13 de outubro. (Do nosso enviado especial). Ao saltar após demorada viagem, pelas dezasseis horas de ontem, na estação de Chão de Maçãs, onde se apearam também pessoas religiosas vindas de longas terras para assistir ao «Milagre», perguntei de chofre, a um rapazote do «char-a-banc» da carreira, se já tinha visto a Senhora. Com seu sorriso sardônico e o olhar enviezado, não hesitou em responder-me:

— Eu cá só lá vi pedras, carros, automóveis, cavalgaduras e gente!

Por fácil equívoco, o trem que nos devia conduzir, Judah Ruah e a mim, até à vila, não apareceu e decidimo-nos a calcorriar corajosamente cêrca de duas léguas, por não haver lugar para nós na diligência e estarem desde muito afreguesadas as carriotas que aguardavam passageiros. Pelo caminho, topamos os primeiros ranchos que seguiam em direção ao local santo, distante de mais de vinte quilômetros bem medidos. Homens e mulheres vão quase todos descalços — elas com saquitéis à cabeça, sobrepujados pelas sapatorras; êles abordando-se a grossos varapaus e cautelosamente munidos também de guarda-chuvas. Dir-se-iam em geral, alheados do que se passa à sua volta, num desinterêsse grande da paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho rezando numa triste melopéia o têrço. Uma mulher rompe com a primeira parte de ave-maria, a saudação; os companheiros, em côro, continuam com a segunda parte, entre pinhais e olivedos, para chegarem antes que se cerre a noite ao sítio da aparição, onde, sob o relento e à luz fria das estrêlas, projetam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bendita — para no dia de hoje verem melhor.



À entrada da vila, mulheres do povo a quem o meio já infecto com o virus do cepticismo, comentam, em tom de troça, o caso do dia:

— Então não vais ver amanhã a santa?

— Eu não. Se ela ainda cá viesse!

E riam-se com gôsto, enquanto os devotos prosseguem indiferentes a tudo o que não seja o objetivo da sua romagem. Em Ourém só por uma amabilidade extrema se encontra aposentadoria. Durante a noite, reúnem-se na praça da vila os mais variados veículos conduzindo crentes e curiosos, sem que faltem velhas damas vestidas de escuro, vergadas já ao pêso dos anos, mas faiscando-lhes nos olhos o lume ardente da fé que as animou ao ato corajoso de abandonar por um dia o inseparável cantinho da sua casa. Ao romper de alva, novos ranchos surgem intrépitos que atravessam, sem pararem um instante, o povoado, cujo silêncio quebram com a harmonia dos cânticos de vozes femininas, muito afinadas, entoam num violento contraste com a rudeza dos tipos...

O sol nasce, mas o céu ameaça tormenta. As nuvens negras acastelam-se precisamente sôbre as bandas de Fátima. Nada, todavia, detém os que por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção para lá confluem. Os automóveis luxuosos deslizam vertiginosamente, tocando as buzinas; os carros de bois arrastam-se com vagar a um lado da estrada; as galeras, as vitórias, os caleches fechados, as carroças nas quais se improvisaram assentos vão ajoujados a mais não poderem. Quase todos levam com os farnéis, mais ou menos modestos, para as bôcas cristãs, a ração de folhelho para os irracionais que o «poverelo» de Assis chamava nossos irmãos e que cumprem valorosamente a sua tarefa... Tilinta uma ou outra guiseira, vê-se uma carrocinha adornada de buxo; no entanto, o ar festivo é discreto, as maneiras são compostas e a ordem absoluta... Burrinhos choutam à margem da estrada e os ciclistas numerosíssimos fazem prodígios para não esbarrar de encontro aos carros.

Pelas dez horas, o céu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover.

As cordas d'água, batidas por um vento agreste, fustigam os rostos, encharcando o macadame e repassando até os ossos os caminhantes desprovidos de chapéus e de quaisquer outros resguardos. Mas ninguém se impacienta ou desiste de prosseguir e se, alguns se abrigam sob a copa das árvores, junto dos muros das quintas ou nas distanciadas casas que se debruçam ao longo do caminho, outros continuam a marcha com uma impressionante resistência, notando-se algumas senhoras cujos vestidos colados aos corpos, por efeito do ímpeto e da pertinácia da chuva, lhes desenham as formas como se tivessem saído do banho!

O ponto da charneca de Fátima, onde se disse, que a Virgem aparece aos pastorinhos do lugarejo de Aljustrel, é dominado numa enorme extensão pela estrada que corre para Leiria, e ao longo da qual se postaram os veículos que lá conduziram os peregrinos e os mirones. Mais de cem automóveis alguém contou, e mais de cem bicicletas e seriam possível contar os diversos carros que atravancaram a estrada, um dêles o auto-ônibus de Tôrres Novas, dentro do qual se irmanavam pessoas de tôdas as condições sociais.

Mas o grosso dos romeiros, milhares de criaturas que foram de muitas léguas ao redor e a que se juntaram fiéis idos de várias províncias alentejanos e algárvios, minhotos e beirões, congregam-se em tôrno da pequena azinheira que, no dizer dos pastorinhos, a visão escolhera para seu pedestal e que podia considerar-se como que o centro de um amplo círculo em cujo rebordo outros espectadores e outros devotos se acomodam. Visto da estrada, o conjunto é simplesmente fantástico. Os prudentes campônios, abarracados sob os chapéus enormes, acompanham, muitos dêles, o desbastes dos parcos farnéis com o conduto espiritual dos hinos sacros e das dezenas de rosários. Não há quem tema enterrar os pés na argila empapada, para ter a dita de ver de perto a azinheira sôbre a qual ergueram um tosco pórtico em que bamboleiam duas lanternas... Alternando-se os grupos que cantam os louvores, da Virgem, e uma lebre espavorida, que galga matagal em fora, apenas desvia as atenções de meia dúzia de zagaletes, que a alcançam e prostam à cacetada...

E os pastorinhos? Lúcia de 10 anos, a vidente, e os seus pequenos companheiros, Francisco de 9 e Jacinta de 7, ainda não chegaram. A sua presença assinala-se talvez meia hora antes da indicada como sendo a da aparição. A chuva cai incessantemente mas ninguém desespera. Carros com retardatários chegam à estrada. Grupos de fiéis ajoelham na lama, e a Lúcia, pede-lhes, ordena que fechem os chapéus. Transmite-se a ordem, que é obedecida de pronto, sem a mínima relutância. Há gente, muita gente, como que em êxtase; gente comovida, em cujos lábios secos a prece paralisou; gente pasmada, com as mãos postas e os olhos burbulantes; gente que parece sentir tocar o sobrenatural... A criança afirma que a Senhora lhe falou mais uma vez, e o céu ainda caliginoso, começa, de súbito, a clarear no alto; a chuva pára e presente-se que o sol vai inundar de luz a paisagem que a manhã invernosa tornou ainda mais triste...

(Continua no próximo número)

Insisto: a nossa crise é de caráter!

(Continuação da página 14)

em férias. A primeira tertúlia deu-se ali mesmo, na sala de refeição, na mesa vizinha à nossa, pela manhã. E ainda estamos vendo a displicência com que Jânio continuou a servir-se do seu café, depois de trocar as saudações de estilo com o colega ilustre, enquanto Etelvino, sem saber talvez como dar início à conversa, estranhava que Jânio não quisesse servir-se de leite ou de torradas...

Pois ali estava outra vez Etelvino, agora em casa de Jânio, para continuar as divagações sôbre a campanha presidencial e a convenção do P.S.D. O contra-tempo obrigou o repórter a regressar ao Rio, marcada outra visita ao governador, para a semana seguinte, logo que se iniciassem as entrevistas cotidianas com os confrades locais. Mas quando, sete dias mais tarde, pisávamos de novo os Campos Elíseos, quem nos deveria embargar os passos até o gabinete de Jânio? Pois, acreditem ou não, era ainda Etelvino, que decididamente mais parecia disposto a servir de «empata» entre o repórter e o governador... Lá estava, em uma terceira investida corajosa, o ex-governador de Pernambuco, portas fechadas com Jânio, a discutir, sabe Deus o quê, sôbre a pessoa do sr. Juscelino e outras complicações do momento...

E como se não bastasse Etelvino, ainda outro figurão preclaro estava em São Paulo, para agravar a situação do repórter: Otávio Mangabeira. Sôbre a presença de Mangabeira, dividiam-se as opiniões. Enquanto um jornal reproduzia palavras de Jânio assegurando que o deputado baiano teria viajado a seu convite, outros proclamavam que tal não se teria dado, e que o mais contrariado com a presença de Mangabeira seria o próprio Jânio. Pois Mangabeira e Etelvino deveriam conferenciar, a três, com o governador, que no entanto, «esquecido» de avisar a hora da conferência ao primeiro, falou isoladamente com um e com outro. Para amenizar a situação, nessa mesma noite Jânio fêz realmente uma visita a Mangabeira, no Hotel Comodoro, acompanhado de sua espôsa.

E ainda nessa segunda tentativa, a entrevista ficou inacabada, não indo além de um novo encontro, muito rápido, com Jânio, por ocasião da sua palestra matutina com os confrades. Mas, porque a verdadeira entrevista não se resume a um compêndio de perguntas e respostas, função que qualquer moço de recados desempenharia, êsses rápidos contactos com Jânio Quadros davam-nos excelentes oportunidades de observação. E o que, de início, mais impressionava, era o «self-contrôle» de Jânio, face aos quinze repórteres que lhe rodeavam a secretária, sem o menor interêsse pelas fisionomias que o examinavam como se observa um objeto raro. Não lhe interessavam os homens, mas o que êsses lhe perguntassem. E não deixava sem resposta nenhuma questão, nem mesmo a que o representante de um vespertino jogou em cheio:

— Governador, queremos pedir-lhe que não atrase, como vem fazendo nestes últimos dias, a hora da nossa entrevista. Seja qual fôr o assunto ou a pessoa que tenha a seu lado, nossa hora deve ser respeitada, o mais cedo possível, ou do contrário os vespertinos atrasam a saída se não quiserem perder a sua entrevista.

E o que vimos então? Jânio Quadros, o homem que na ante-véspera, ao sair do Catete, fôra perseguido pela reportagem, limitar-se a dizer:

— Farei todo o possível. Podem estar certos.

Mas nem sequer olhou para o repórter que lhe apresentara a questão. Continuou de cenho cerrado, fisionomia de homem mau (que encobre um sentimentalão de marca), consciente de suas responsabilidades e pesando, sílaba por sílaba, o que vai dizer. Só quando lhe mostramos uma coleção de fotos batidas na piscina do «Conte Grande», em que aparece Dirce Maria, filhinha do governador, sua fisionomia transfigurou-se e um sorriso prolongado, beatífico, espantou a cara-fechada do governador que agora era o pai amantíssimo a quem observamos tão de perto, na viagem Rio-Recife.

Enfim, o terceiro salto a São Paulo, e o mais rápido também, foi o melhor sucedido. Saímos do Santos Dumont às sete da manhã e antes das nove e meia estávamos em Palácio. Era sábado. Mesmo assim, Jânio Quadros já se encontrava em seu gabinete desde as sete e meia, o que não surpreende aos seus auxiliares: Geralmente o governador desperta as seis e uma hora mais tarde está sentado à sua mesa de expediente, sem que ninguém o veja entrar ou sair. Isso porque existe uma escada-caracol, ligando, pelo subterrâneo, a secretaria do govêrno, ao edifício residencial, distanciado algumas dezenas de metros. E' por essa passagem que Jânio se comunica, diretamente, do seu dormitório para a Secretária. Daí resulta que nunca se pode saber, ao certo, se êle está ou não na sede oficial do govêrno. Pela mesma razão, os pavilhões nacional e paulistano, que devem ser hasteados quando o Governador permanece na sala de despachos, obedecem a um horário simbólico: sobem e descem respectivamente às 9 da manhã e 6 da tarde, embora Jânio muitas vêzes permaneça em expediente pela noite adiante. Mas também pode ter saído, no seu carro particular, discretamente, sem ajudante de ordens, apenas êle e o chauffeur de confiança, para algum encontro político, hoje muito em moda...

Era sábado. Razão porque, ao saber da presença do repórter, Jânio ordenou que fôsse introduzido em seu gabinete. Pouco passava das dez, e o relógio ia muito além do meio-dia quando nos despedimos. As respostas aos quesitos, foram feitas por escrito, ali mesmo, pelo Governador, interrompendo-se freqüentemente para acender um cigarro. Sôbre a mesa, duas carteiras — a marca é de quatro cruzeiros e vinte centavos — uma entreaberta, por onde vão escorrendo os cigarros, outra «suplente, hermèticamente fechada. Mas não tanto quanto os lábios de Jânio Quadros sempre que julga conveniente não falar...

A facilidade com que o homem redige as respostas a cada quesito — algumas, verdadeiros «alcapões»... — rivaliza com a prudência, a reserva o silabado das frases com que Jânio responde, verbalmente, a um jornalista. Decididamente prefere escrever.

Nesse meio-tempo, freqüentes visitas foram anunciadas e não recebidas. Telefonemas também. Só uma teve as honras de ser atendida por Jânio, mas o interlocutor não deve ter ficado satisfeito com esta resposta:

— Meu caro, há muitos outros assuntos urgentes à frente do seu. Tenha paciência...

E quando um oficial de gabinete veio anunciar outra visita, Jânio levantou-se, respirou forte, entregou ao repórter a papelada:

— A partir do meio-dia, tenham paciência, não sou mais governador. Preciso fazer compras com a minha mulher...

E saiu pela escada caracol, rumo ao subterrâneo.

Podemos garantir, entretanto, que as compras com dona Eloá não se fizeram nessa tarde. Mesmo porque o comércio deveria fechar poucos minutos mais tarde.

Sem batedores nem ajudantes de ordens, êle sòzinho, entrava, discretamente, em um carro de passeio, do Palácio, e rumava. Só o chauffeur, Jânio e Deus sabiam para onde.

Mas parece que andavam outros ilustres figurões políticos (ou militares) nesse «week-end» paulistano...

Satisfaz plenamente



a nova embalagem

A nova embalagem do puríssimo Açucar PÉROLA, além de proteger melhor o produto, evita perdas, proporcionando maior satisfação aos consumidores



• mais resistente
• mais higiênica
• mais econômica

açucar PEROLA

saco azul e cinta encarnada

fabius

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★



TELEG. MEMIL 98-A RUA MEXICO RIO DE JANEIRO 98-A FONES 22-6144 42-5563 52-1066



REI MOMO, MARTA ROCHA E ROSÂNGELA, RAINHA DO CARNAVAL DE 54, COMPARECERAM E SAMBARAM TAMBÉM.

BAILE DA IMPRENSA

A turma da imprensa também aderiu (oficialmente) ao Carnaval, realizando o seu baile no Teatro João Caetano, que foi dos mais animados do reinado de Momo. A iniciativa foi do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, que organizou também o concurso de Miss Imprensa, sendo eleita Petronilha Pimentel, de fato uma companheira de trabalho, repórter militante, muito estimada dos seus colegas, por isso mesmo merecendo a maioria de sufrágios de sua classe. Para coroar Miss Petronilha (Imprensa) Pimentel houve o grande baile do Teatro João Caetano com a presença de tôdas as classes, destacando-se o comparecimento de Rei Momo e Marta Rocha, que lá estiveram para abraçar Petronilha e sambar um pouquinho também, ajudando a esquentar mais uma das noites do nosso quente Carnaval.







FOLIÕES DE TÔDAS AS CLASSES COMPARECERAM AO TEATRO JOÃO CAETANO E SOB AS ORDENS DE REI MOMO PULARAM E SAM-



COROADA PETRONILHA PIMENTEL MISS IMPRENSA







BARAM ATÉ ALTA MADRUGADA. MISS IMPRENSA, A DONA DA GRANDE FESTA, TAMBÉM MOSTROU QUE É ALEGRE E ANIMADA.



Podem duvidar, mas eu sou rei de verdade. Tenho reinado, coroa, muitas rainhas e milhões de súditos espalhados por todo êsse Brasil.

Fala Sua Majestade, o Rei Momo:

"GOSTARIA DE TER UM HARÉM

Um homem gordo por conveniência ★ Apenas quatro horas de sono, por dia, durante o carnaval ★ Duzentos e sessenta e sete bailes num ano ★ Das vantagens e desvantagens de ser o soberano da folia.

Entrevista de SAMUEL AVERBACH **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

NELSON NOBRE seria apenas um nome, como qualquer outro, pronunciado por alguém, na rua ou, mesmo, num baile de Carnaval. Sòmente conversando com êle, admirando-lhe a figura imponente, podemos aliar seu nome ao título de Rei Momo. Não conhecemos pessoalmente os seus antecessores. Mas, mesmo sem conhecê-los, cremos que todos se equivaliam, como verdadeiros heróis da folia, pois não é nada fácil suportar um «train» como o que é destinado ao monarca do Carnaval. Vejamos, então, o que nos disse o Rei Momo, Primeiro e Único, a respeito da situação do seu govêrno, nos últimos meses:

— Nasci em 10 de fevereiro de 1918, num Domingo de Carnaval. Sou radialista, irmão de Sara, Olga e Antônio Nobre. atualmente, exerço as funções de sonoplasta e técnico de gravação, trabalhando num estúdio particular e, ainda, na Televisão, como ator. Estou no rádio desde 1936, há dezenove anos, portanto. Nesse setor, já fiz de tudo, exceto dirigir.

— Agora vou explicar porque todo Rei Momo é gordo: a história de Momo tem algo a ver com a do Rei Baco, uma figura famosa na antiguidade, e ficou sendo simbòlicamente um gordo. Assim, o soberano da folia também teria que conservar essa aparência tradicional.

— Seria capaz de trocar o seu reinado por qualquer coisa dêsse mundo? — indagamos.

— Sim, porque ainda que pareça uma farra, exercer tais funções representa um sacrifício. Às vêzes, sou obrigado a comparecer a 10 ou 12 bailes numa só noite, bebendo em todos êles (fora do Carnaval, não bebo uma gôta de álcool), sabendo que não deva chegar em casa nem «alegre». Além do mais, isto representa uma verdadeira provação para mim, pois que as pessoas gordas têm maior dificuldade de locomoção.

— Acha pouco, quatro dias para o seu reinado? E das rainhas dêste ano, qual a sua preferida?

— Bem, eu reino durante todo o ano. Mas, nos quatro dias, as festas de minha côrte atingem ao auge. E acho que é suficiente, porque dá para pegar «boas gripes» e se acabar... Quanto às rainhas, não tenho preferência por nenhuma. Gostaria, isto sim, de ter um harém com tôdas elas.

— Qual o tipo de garôta que prefere, para brincar? Loura ou morena? E sua espôsa, não se zanga com suas atividades momescas?

— Prefiro as louras para a manhã e as morenas para a tarde. Já de noite, todos os gatos são pardos. Minha espôsa é a verdadeira, em meu coração. Há cinco anos que ela compreende bem o papel do Rei Momo. Em casa, continuo a ser o Nelson Nobre.

— A quantos bailes comparece, anualmente?

— De acôrdo com o relatório de meus ministros, compareci a 267 bailes no ano de 54. O total dêste ano ainda não foi apurado. Mas vou lhe dar uma idéia das minhas atividades, citando sòmente as dos quatro dias de Carnaval: **Sábado** — Baile em Vigário Geral, Baile da Municipalidade, em Petrópolis. **Domingo** — Bailes infantis, à tarde (cêrca de 8 ou 10); à noite, novamente em Petrópolis, comparecendo aos bailes dos clubes Petropolitano, Serrano, Luzeiro, Internacional e o do Quitandinha. **Segunda-feira** — Bailes infantis à tarde; à noite, o baile do Municipal e o do Vasco da Gama. **Têrça-feira** — Bailes infantis à tarde (inclusive o do Municipal); à noite, finalmente, apreciei o desfile das Sociedades, segui para o Iacht Club e encerrei minhas atividades com o baile do Atlantic Refining. Dormi, em média, apenas quatro horas por dia. Tão cansado me sentia, que tinha de recorrer ao Pervitin, em cada uma das noites de Carnaval, para não pegar no sono.

— Para encerrar: Como foi que se transformou em Rei Momo e por quantos anos, ainda, pretende empunhar o cetro?

— Fui «eleito» por uma «coligação» de vários amigos. Pretendo permanecer com essa atribuição até ser «deposto» por um golpe de estado ou quando a velhice me pegar...



Até para o ano, foliões amigos. Agora vou fechar o meu reinado para balanço e remarcações e voltarei em 1956 com novas orgias...

COM TÔDAS AS RAINHAS DO MEU CARNAVAL!"



Esta cara que todos estão vendo assim, não é tristeza, não, é ressaca mesmo, e que ressaca!



Só há um contraste: êle é muito mais gordo. No resto ambos são alegres, sorridentes e animados. Em baixo, Ivana Rodrigues.

● "Casa de ferreiro é espeto de pau", diz a sabedoria popular mais uma vez confirmada no Baile do Rei Momo, que não teve êste ano a animação que se esperava. A nota predominante da noite, além do gorducho dono da festa, foi a presença de Carmem Miranda, que compareceu e sambou até de madrugada, dando a valiosa contribuição do seu cartaz e de sua graça. Embora não fôsse uma festa digna de um Rei Momo (cem por cento esfusiante de animação) não chegou a decepcionar ninguém. Todo mundo pulou e sambou ao lado do monarca da folia.

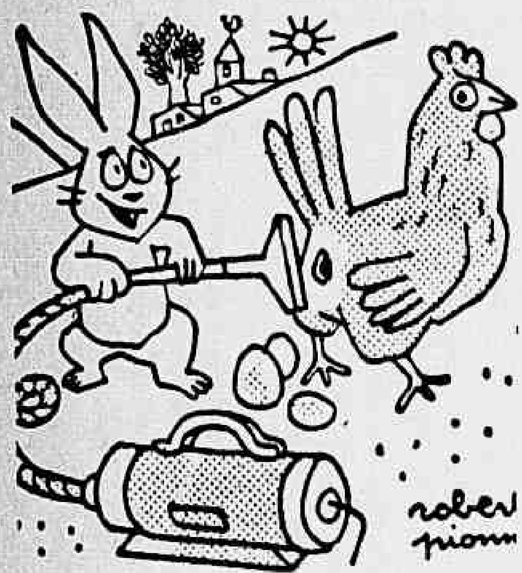
BAILE DO REI MOMO

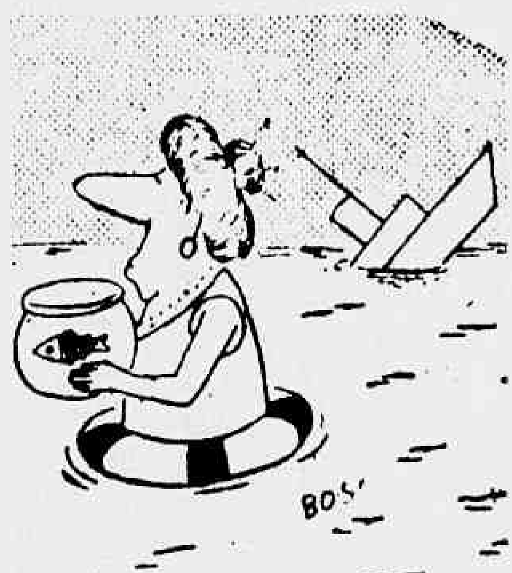




CARMEM MIRANDA E REI MOMO, ALGUNS FOLIÕES E UNS POUCOS POLICIAIS QUE NÃO ESTAVAM NA BRINCADEIRA.

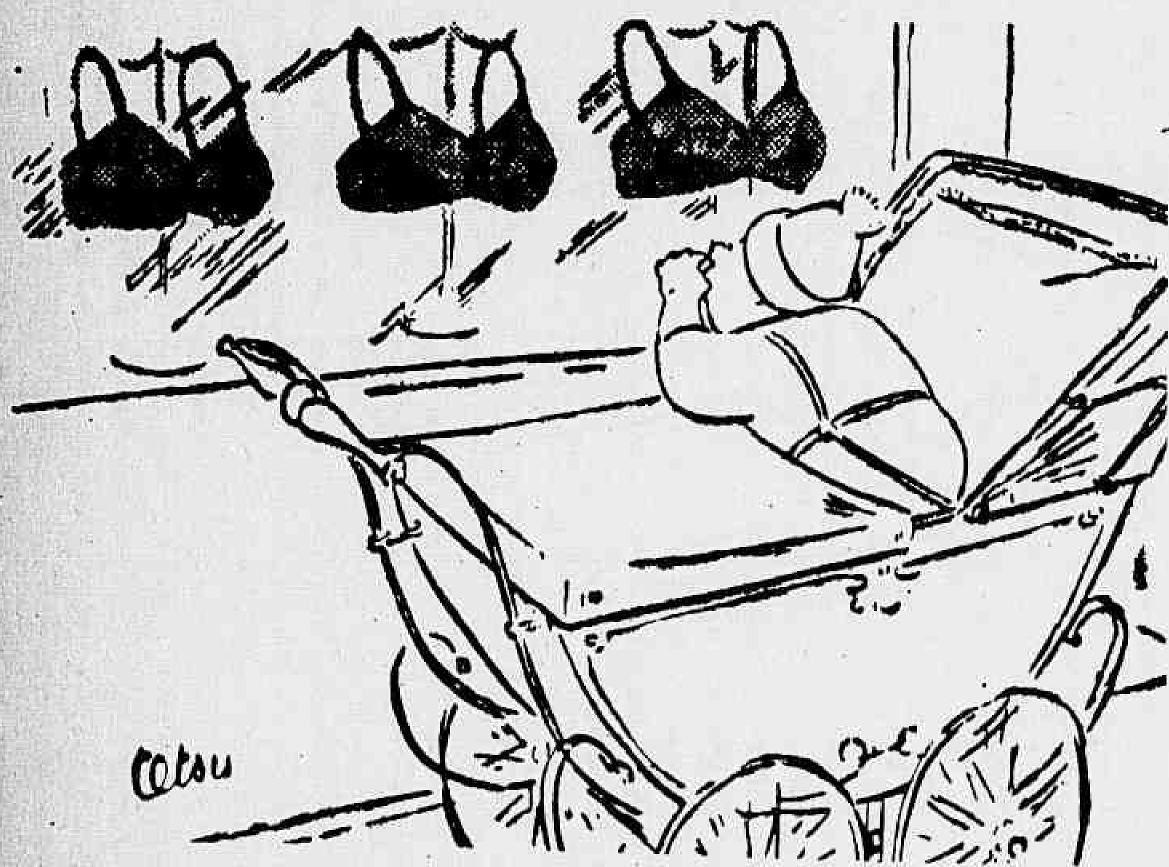


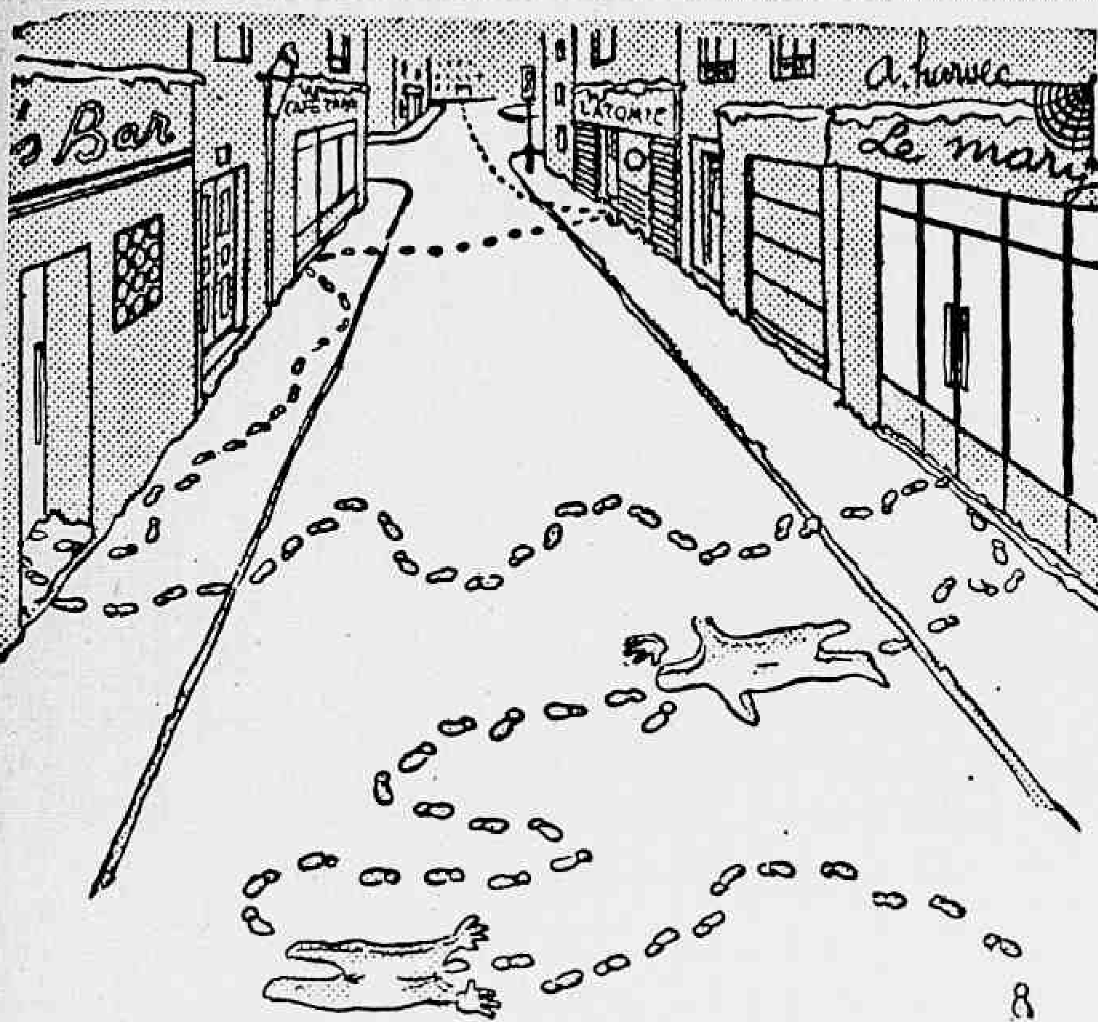






O RISO DOS OUTROS





"BLACK-BEER"

MEU AMOR BRASILEIRO

Os meus inimigos e admiradores espalharam por aí que andei de namôro com a Elaine Stewart, que passou o Carnaval no Rio por minha causa e a meu convite. Faço questão de esclarecer que nem ela, nem a Pampanini conseguiram tomar no meu coração o lugar vitalício com adicionais pertencente à Josefina, Porta-Estandarte das «Pretinhas Dengosas», criatura cem por cento, 18x36, côr firme que não desbota nem com soda cáustica. De fato, a Elaine e a Pampanini andaram telefonando para mim, insistindo com convites para uma porção de festinhas, cajuzinhos íntimos, banhos de mar em Paquetá e suas conseqüências, além de outras tentações que não há tatu, ou melhor, não há barão que agüente. Felizmente, eu consegui resistir a tudo em nome de minha classe de gente boa, sabendo assim preservar as minhas excelsas tradições de nobreza familiar.

Imaginem que escândalo não seria nos meios da «timbuca-society» se eu traísse minha classe para misturar-me com gente bem? A Josefina seria capaz de me matar a navalhadas, estaria arriscado a perder o lugar de Chanceler da Ordem Soberana do Sapo Cru, de São João de Meriti, além de outros graves prejuízos de ordem moral irreparáveis. Para evitar confusões com a austeridade do meu nome, chutei a Elaine para o Ibrahim Sued e fui tão ríspido com a Pampanini, que a bichinha fugiu desiludida para Roma. Continuo fiel à minha Josefina e como sempre digno do meu título glorioso de — **BARÃO DE BANGU.**

GENTE BOA SE DIVERTE



★ Foi muito movimentada a recepção à fantasia oferecida pelo senhor e senhora Modesto de Oliveira em sua bela residência do Largo do Boticão. Num esfôrço de reportagem conseguimos colhêr êste flagrante em que aparecem o senhor Pedro Biga mamando a sua 129ª «black-beer» e senhora Condêssa de Irajá secando sua terceira garrafinha de timbuca. (Foto Leleco, especial para esta coluna, reprodução proibida no Brasil e no Exterior).

★ O movimento das figuras mais queridas da «timbuca-Society» durante o Carnaval foi mais ou menos semelhante ao ano anterior, notando-se ligeira tendência para certas festas secretas, onde são barrados os fotógrafos. Fui a uma delas, mas a minha cumplicidade me impede de descrever o acontecido. Depois eu acabo contando...

O QUE ÊLES DIZEM

O Senhor Pedro Militão, presidente da Escola de Samba «Sacode Nêga», campeão do Carnaval de 55: «Estou muito sastifeito. Conosco ninguém podemos».

A Senhora Joana Oliveira, Condêssa da Pavuna, durante a recepção que ofereceu ao casal Silva Pereira que está de viagem marcada para Morro Agudo: «Não topo cabelo esticado. Crasse é crasse».

O Senhor Eustáquio Marques (um dos Dez Mais Vigaristas desta praça) falando sôbre o tal caju que misturado com timbuca vira amigo: «Mais melhor do que uma garrafa, só mesmo dois litro».

O Senhor Manuel Texireira (Texireirão Bôca Rica) Mestre de Harmonia da Escola de Samba «Pretinhas Dengosas», falando sôbre o Carnaval e gente bem: «Nós não bebe uísque nem se mistura com êles, mas êles bebe cachaça e vem no morro aprendê a sambá».

A FIGURA DA SEMANA

Nestes dias agitados que passaram, encharcados de timbuca, cheios de rainhas, batucadas e companhia limitada, a figura que mais se destacou não foi A Dama de «Prieto», nem Elaine Stewart, nem Pampanini nem a Senhora Cantinho, foi mesmo a gloriosa Coralina, eleita Rainha do Vermelhinho, o bar mais colorido desta praça. Coralina recebeu muito bem durante o Carnaval, Coralina usou uma fantasia soberba (modêlo de Rovialdo, primo-irmão do Rosadinho de Madureira) Coralina consumiu trezentas garrafas de timbuca, Coralina... Bem, hoje estou muito quarta-feira de cinzas, com as idéias muito «prietas» e depois eu conto...






BAILE da HÍPICA



COMO nos anos anteriores, constituiu um grande acontecimento das festas carnavalescas, o tradicional baile à fantasia da Sociedade Hípica Brasileira. Bom gôsto, elegância e animação predominaram na tradicional festa de Carnaval da conhecida entidade da Gávea. Muita alegria e belas fantasias encheram os salões onde pularam e sambaram muitas garôtas lindas, ao lado de várias "nêgas malucas", negras de alma e pele brancas que muito contribuíram para o sucesso do baile.

(Fotos A. Vieira)



MUITA BELEZA, ELEGÂNCIA, BOM-GÔSTO E DISCRIÇÃO FORAM AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TRADICIO






DO TRADICIONAL BAILE DA SOCIEDADE HÍPICA BRASILEIRA. AS FOTOS DIZEM TUDO ISSO E MAIS ALGUMA COISA...





Último Flash

● Vestida de lã, com muito calor e sem pintura, chegou Myriam Stevenson, Miss Universo, que veio trazida pela fama do Carnaval carioca. Viu, sambou (discretamente) e gostou, recebeu homenagens e distribuiu sorrisos. Continua com duas polegadas a menos, detalhe que muito pouca gente pôde observar por causa dos modelos "flat-look" de sua preferência. De olhos azuis, muito bonita (não mais do que nossa Martinha) revelou-se muito entusiasmada com a alegria do povo brasileiro, disse que aproveitaria a viagem para reunir subsídios para estudos sôbre o Brasil. Myrian agradou a todos, portou-se à altura do título de Miss Universo, simpática e elegante. — (Fotos JOSÉ SANTOS)



Miss Universo: "flat-look" escondendo a diferença de 2 polegadas

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 9 — Rio de Janeiro — 26-2-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente .... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial .... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente .... Wenceslau Quintais
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

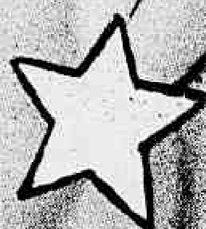
ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A figura em foco





MENDEZ

C.M.

Diziam que ela estava americanisada
Oh, gente! Que besteira!
Um dia ela voltou — a mesma, ca-
[marada,
Bem nossa, à brasileira!

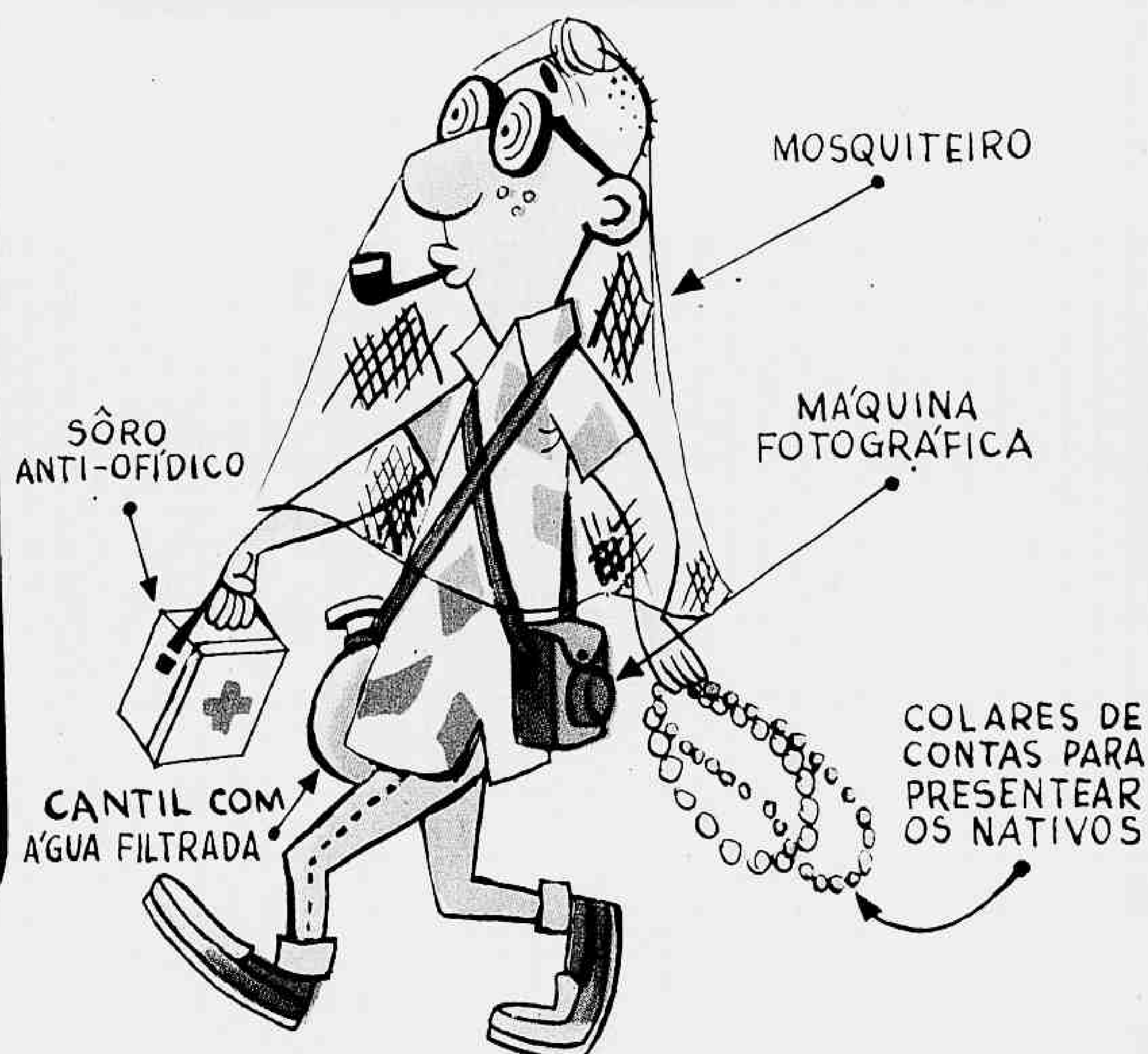
FORTUNA (também um ilustre desconhecido) **APRESENTA**

Nosotros, os Tupiniquins

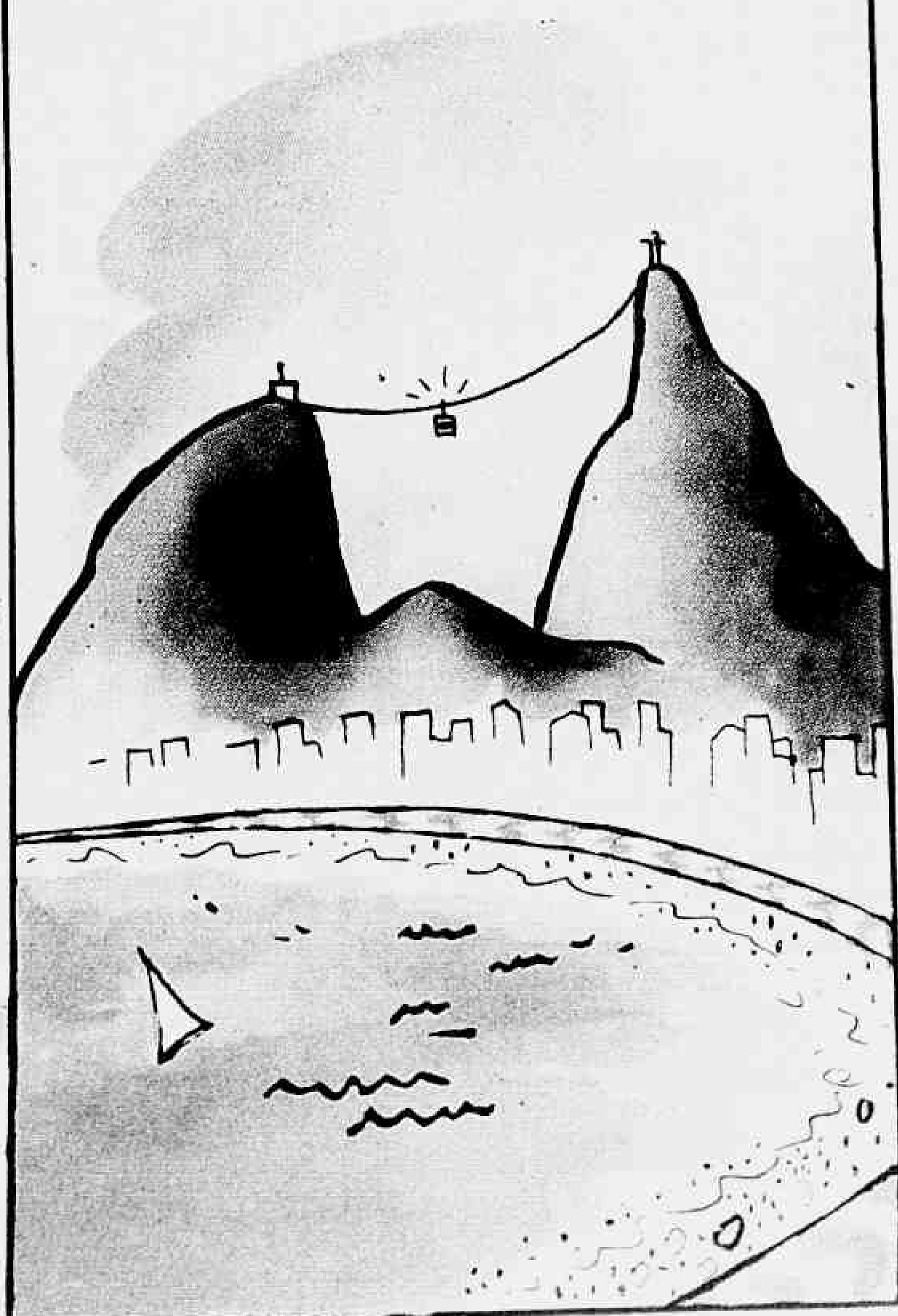


• O americano é um dos produtos da exportação americana. «Globe trotter» profissional, antes de embarcar sempre toma o cuidado de se esclarecer através do cinema, magazines e histórias em quadrinhos sôbre a terra que vai globetrotar.

• Assim, quando chega às nossas paragens, vem equipado de maneira a poder aventurar umas voltinhas por nossas ruas.



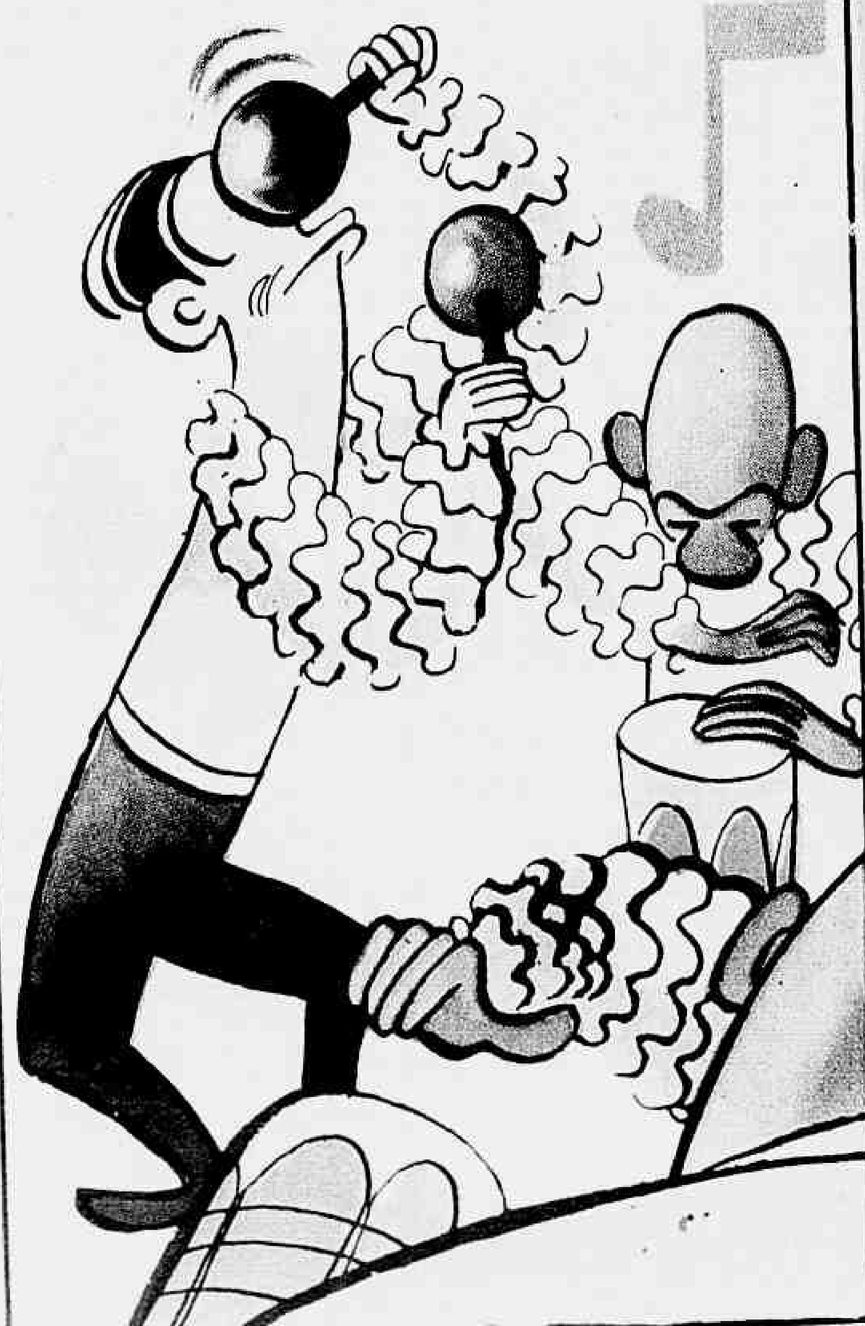
• Seu primeiro desejo: ver Copacabana do alto daquele bondinho que liga o Pão de Açúcar ao Corcovado.



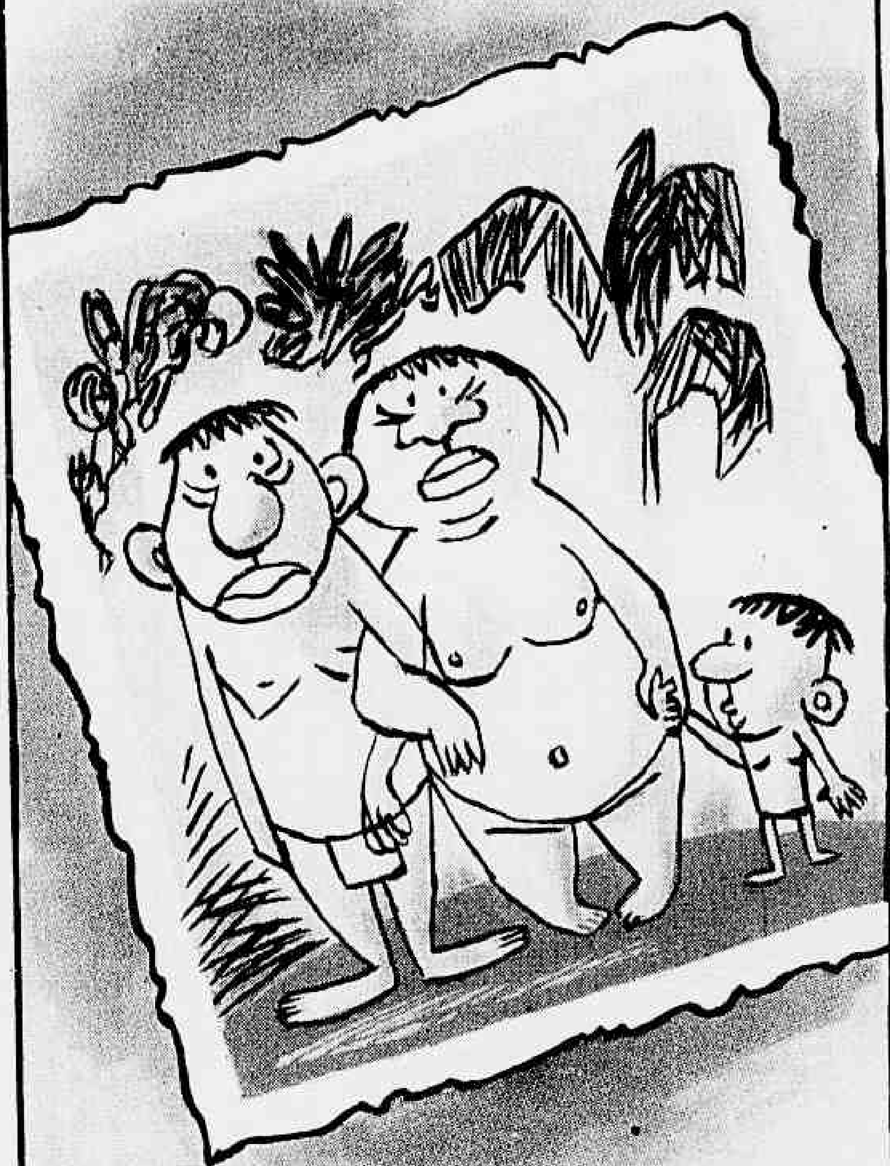
• Como política de boa vizinhança, traz de cor o nosso último sucesso musical.



• Deseja ardentemente ouvir o samba, como nós o dançamos, isto é, ao som de bongôs e maracas.



• Conta com a oportunidade de fotografar uma família brasileira da classe média.



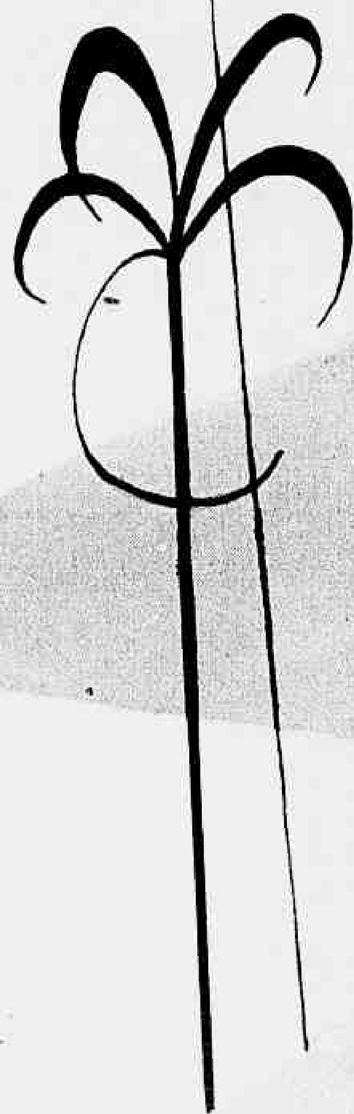
• Gostaria de ver pessoalmente o homem do interior com seus trajes típicos.



• E, se possível adoraria «flirtar» com uma brasileira «salerosa», das muitas que se vê por aí.



PARA TUDO ISSO, ATÉ O IDIOMA PÁTRIO ÊLE ESTUDOU!







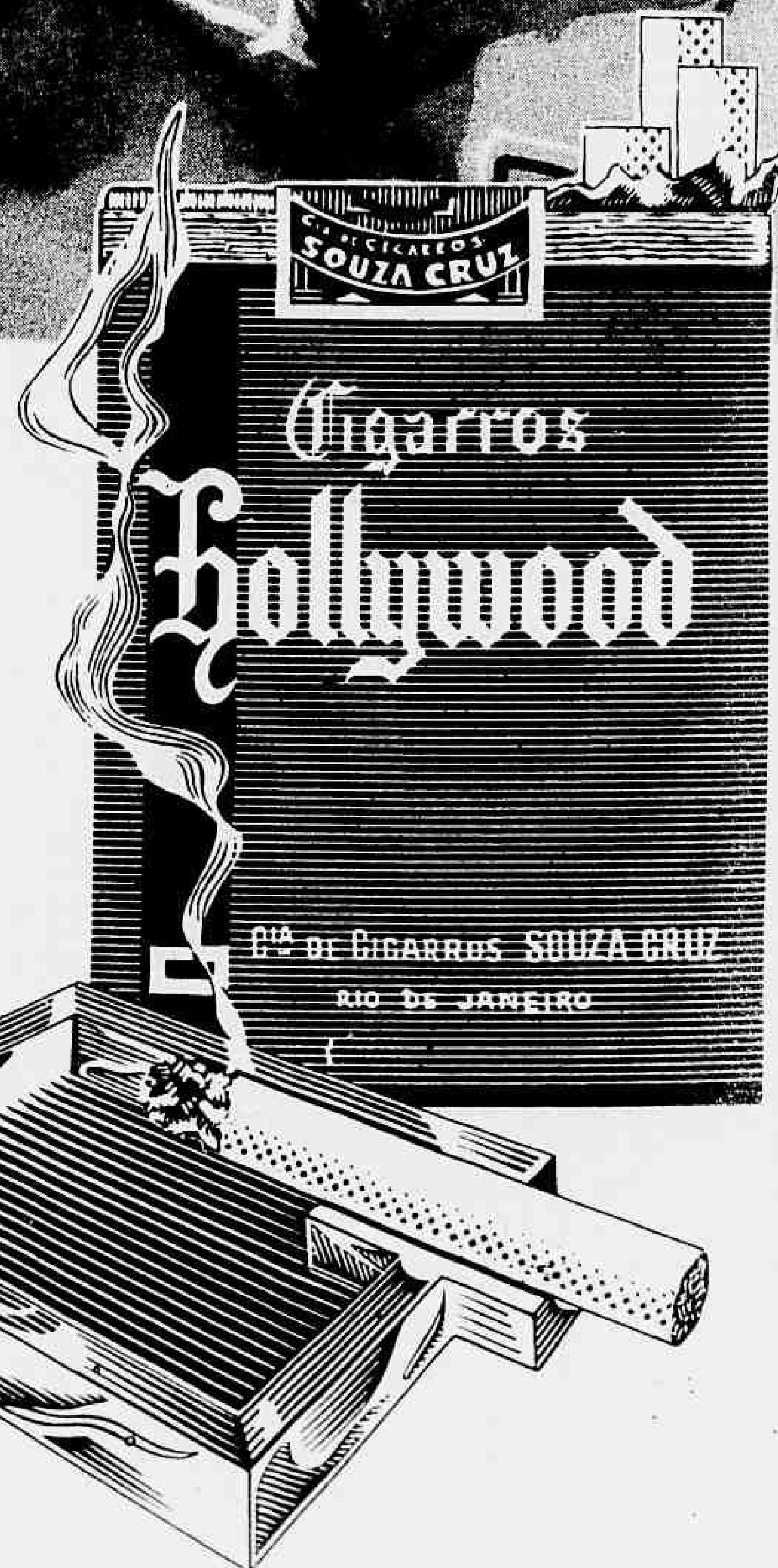
Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ